

Graffiti Girl

Contributos para uma identidade feminina
no contexto da produção de graffiti e de
street art em Portugal

Telma Patrícia Abreu Machado



U. PORTO



FACULDADE DE BELAS ARTES
UNIVERSIDADE DO PORTO

Graffiti Girl

Contributos para uma identidade
feminina no contexto da produção de
graffiti e de *street art* em Portugal

Telma Patrícia Abreu Machado

Dissertação para obtenção do Grau de
Mestre em Design da Imagem

Porto, 2011

Orientador

Dr. Heitor Alvelos

Dedicado a minha mãe Alexandrina,
exemplo de força de vontade e luta.

Agradecimentos

Ao Professor Doutor Heitor Alvelos, pela orientação.

Aos entrevistados Rafi, Vera Martins, Sphiza , Tâmara Alves, Leonor Morais, Miguel Januário e Pedro Guerreiro pelo apoio e disponibilidade.

Aos meus pais pelo encorajamento, em especial à minha mãe, pelas horas perdidas de sono e pela constante preocupação.

Aos professores do Mestrado de design da imagem e a todos os colegas pelas suas sugestões e aprendizado.

À Marlene, Joana, Dina e Ana pelo apoio e compreensão.

À Daniela, à Tânia e à Lena pela amizade incondicional, pelos momentos de distração e pelos cancelhos.

Resumo

A presente dissertação pretende identificar contributos para uma identidade feminina no contexto da produção do graffiti e da *street art* em Portugal. Para isso é identificada e analisada a formação da identidade social de mulheres envolvidas nestes ambientes.

São caracterizados os movimentos de graffiti e *street art* relacionando-os e analisando as definições de diferentes autores, destes movimentos urbanos e contra-culturas, de forma a identificar o que tem mais afinidades com o contexto de trabalho das graffiteres estudadas. Estas têm ganho cada vez mais força e a qualidade nas suas peças iguala-se aos graffiti do sexo masculino. Para isso contribuíram um número significativo de factores presente no contexto social e urbano.

A identidade do graffiti no feminino de hoje emergiu no rescaldo do 25 de Abril e, desde então foi moldada por uma herança visual derivada da revolução, pela chegada de uma nova linguagem capitalista e tecnológica, por novas tendências como o *hip hop* e assistiram ao crescimento substancialmente rápido do meio urbano.

Estas artistas pintam os muros e outros suportes urbanos como uma prática de construção de identidade como mulheres, mas também como forma de expressão artística, embora efémera, acessível a todos. Não se deixam intimidar com preconceitos sociais e resistem à sociedade patriarcal e aproveitam a oportunidade que o graffiti lhes dá para construir, amadurecer e fortalecer as suas identidades.

Os dados desta pesquisa constituem-se na sua maioria em fontes orais, através de entrevistas semi-estruturadas resultantes de incursões etnográficas realizadas e de vários processos de *snowball*.

Palavras-chave: Graffiti Português; *street art* portuguesa; identidade feminina.

Abstract

This dissertation aims to identify contributions to a female identity in the context of the production of graffiti and street art in Portugal. For it is identified and analyzed the formation of social identity of women involved in these environments.

They are characterized movements of graffiti and street art relating them and analyzing the definitions of different authors, these urban movements and counter-cultures in order to identify what has more affinities with the work context of graffiti studied. These have gained even more strength and quality in parts matching the male graffiti. This contributed to a significant number of factors present in the social and urban context. The identity of the graffiti in the women today emerged in the aftermath of April 25 and has since been shaped by a heritage derived from the visual revolution, the arrival of a new language capital and technology, by new trends like hip hop and watched the growth substantially faster of urban areas.

These artists paint the walls and other media as an urban practice construction of identity as women, but also as a form of artistic expression, though ephemeral, accessible to all. Do not be intimidated by social prejudice and resist patriarchal society and take advantage of the opportunity that gives them the graffiti to build, mature and strengthen their identities.

Our data constitute the majority of oral sources, through semi-structured interviews as a result of raids conducted ethnographic and various processes of snowball.

Keywords: Portuguese Graffiti. Street Art in Portugal. female identity.

Índice

Dedicatória	02
Agradecimentos	03
Resumo/Abstract	04
I – Introdução	07
II- Estado da Arte	09
2.1 Graffiti e Street Art	09
2.2 Graffiti em Portugal	12
2.2.1 A divulgação do graffiti e as novas tecnologias	17
2.2.2 Graffiti e sociedade de consumo e publicidade	25
2.3 Revisão de literatura	28
III- Graffiti no feminino	32
3.1 Relato das evoluções do pensamento e discurso	32
IV - Metodologia	42
4.1 Processos de investigação	42
V - Projecto: Uma perspectiva feminina	57
5.1 Criação de uma linguagem e Identidade própria	57
5.2 Técnicas, ferramentas, meios de produção e suportes	60
5.4 Desenvolvimento e resultados finais	62
VI – Conclusão	75
Bibliografia	77
Apêndices	82
Anexos	86
Glossário	99

I- Introdução

O presente trabalho pretende inventariar a dimensão feminina do graffiti em Portugal, e reconhecer contribuições de mulheres que se destacam pelas suas intervenções artísticas e radicais no contexto urbano do graffiti e da *street art*.

A questão em estudo surgiu da realização de exercícios anteriores relacionados com a cultura do graffiti e *street art*, onde por várias vezes nas entrevistas realizadas foi referida a pouca informação nesta área, e as poucas referências públicas de raparigas que desenvolvam trabalho neste ambiente.

Surgem então as seguintes questões: Qual a dimensão do seu trabalho no universo do graffiti e da *street art* nacional? Que identidade a graffiter portuguesa cria para si mesma e para os outros?

Esta unipolarização do mundo do graffiti deve-se à expressão de uma cultura muito específica e que apesar de ser considerada por muitos como poluição, lixo ou vandalismo, conta com antecedentes bem estruturados e definidos. Existe como que uma hierarquia, onde o sexo masculino à vista da sociedade em geral domina e a mulher parece desempenhar um papel secundário, provavelmente por falta de interesse da própria no assunto, ou porque a sociedade e a cultura assim a habituou.

No entanto, as suas intervenções tem ganho cada vez mais força, e a qualidade das suas peças iguala-se as dos graffiti do sexo masculino. Como observaremos, os preconceitos em relação ao género feminino tendem a não vir de dentro do graffiti, mas sim da sociedade que o rodeia.

O corpo da dissertação está dividido em seis capítulos: o primeiro capítulo indica o objecto de estudo e apresenta os capítulos deste documento.

O capítulo II pretende abordar o graffiti em Portugal, sob o ponto de vista do seu Universo estético e Social, bem como sua transformação desde a contestação social para uma nova vaga de artistas de graffiti sob uma cultura de consumo. Como comunga com determinadas comunidades internacionais e as suas especificidades, apresentando considerações teóricas sobre a formação de identidades no contexto do mundo globalizado. Também se utilizam considerações de autores que estudam o movimento *hip hop*, mais especificamente o graffiti, apresentação de projectos desta área de investigação e discussão breve da posição da mulher no espaço do graffiti.

Esta questão mostra-se relevante na medida em que o desenvolvimento e contributo desta área, sobretudo para o design de comunicação, tem aumentado a passos largos.

No capítulo III é relatada a evolução do pensamento e discurso ao longo do trabalho. Expondo diferentes contributos no feminino no contexto da produção do graffiti e da *street art*.

No capítulo IV descreve -se o processo metodológico utilizado, o que inclui a análise das entrevistas realizadas com as graffiteres. Destaca-se a construção do *corpus* discursivo das graffiters, sobre como chegaram ao universo da Graffiti e da *street art*, a situação actual como graffiter, os seus espaços de convivência e intervenção, e o que mais as marca na experiência de pintar nas ruas.

Os prazos a cumprir para a execução desta pesquisa, não permitiram, infelizmente, abordar todas as pessoas e dimensões desejáveis.

No capítulo V é apresentado o projecto prático resultante das considerações retiradas ao longo da investigação e da criação de uma linguagem própria no meio do graffiti e da *street art*, e por último é apresentada no capítulo VI uma síntese conclusiva deste estudo e as perspectivas de futuro nesta área de investigação.

II - Estado da Arte

2.1 Definição de graffiti e *street art*

Este ponto tem o intuito de definir o conceito de graffiti que se pretende analisar ao longo de toda a dissertação. Serão feitas referências bibliográficas nacionais e internacionais e, por fim, adoptar-se-á uma nomenclatura específica de modo a tentar caracterizar rigorosamente um movimento que ainda apresenta falta de definições precisas no mundo académico em geral, mas mais acentuadamente no universo português.

Definir graffiti torna-se uma tarefa complexa, facto que é comprovado pela variedade de definições académicas e pelas ideias difusas que o cidadão comum possui sobre este fenómeno. Trata-se de um universo com fronteiras flexíveis e permeáveis. Para a maioria, o termo graffiti aplica-se, usualmente, às inscrições executadas no espaço citadino, em suportes diversos, como os muros, as paredes e variado mobiliário urbano, através da utilização de diferentes instrumentos (geralmente o aerossol ou o marcador). Daí que a definição usual abarque um conjunto extenso de actividades, códigos e processos criativos que estão longe de assumir uma coerência interna ou um sentido de conjunto. Nesta podem incluir-se diferentes expressões da *street art*, obscenidades rebuscadas, frases românticas, impropérios dirigidos a políticos, aclamações desportivas ou políticas, entre tantas outras manifestações do indivíduo urbano.

O Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea (2001), considera o termo graffiti derivado do italiano *graffiare*, que significa riscar (pp. 1921, 2ºvol.) sinónimo de *graffito*. *Graffito*¹, por sua vez, apresenta duas definições: “marca, inscrição ou desenho feito em paredes e monumentos antigos; gravação existente num mural antigo, feita com a ponta de um estilete” e “frase, palavra ou desenho geralmente de carácter jocoso, contestatário, obsceno, informativo, em muro ou parede de local público” (pp.1922, 2ºvol.).

O *Oxford*- Dicionário de Inglês define o graffiti como:

“Unauthorized pictures or writing on a surface in a public place: Vandals had covered the walls in graffiti”².

Partindo destas definições, pode considerar-se, no âmbito deste trabalho, a primeira definição como a mais aproximada do tipo de graffiti que se pretende definir. Todavia, compreendendo que um dicionário, ao tentar incluir todos os termos da língua, perde a especificidade que se exige num objecto de cariz académico tentar-se-á definir melhor o que é graffiti a partir de bibliografias mais específicas da área em estudo.

¹ denominação dada às inscrições feitas em paredes desde o Império Romano (são conhecidos os *graffiti* presentes nas catacumbas de Roma ou em Pompeia)

² “Graffiti”, Oxford Dictionary of English, p.290, 2001

Por seu lado, Ricardo Campos (2007) explica o conceito de graffiti, de forma mais aprofundada, baseando-se em 5 factores-chave: o muro, a transgressão, o anonimato, o público e as palavras e imagens. Segundo Campos, tem-se uma definição acertada de graffiti ao conjugar estes cinco factores: se uma peça se encontra num objecto urbano, aplicada de forma ilegal, e anónima, dirigida a públicos diferenciados o especializado e o transeunte vulgar – e que possua uma linguagem pictórica e comunicacional que vá para além da simples letra, então pode considerar-se essa peça graffiti. Campos não deixa de referir, que este tipo de graffiti está ligado, na sua génese, à cultura *hip hop*.

Focando ainda documentos académicos portugueses, encontra-se um artigo – *Notas sobre a mais velha arte do mundo* – de Jorge Bacelar (2002), em que o autor caracteriza este tipo de graffiti como “graffiti artístico”³.

“Mas tal como os tempos e as sociedades se alteram, também o aspecto e as formas do graffiti. Actualmente pode-se tentar categorizar as suas várias manifestações, desde o graffiti da subcultura Hip Hop , com a finalidade de demarcar territórios, o graffiti daqueles que utilizam as paredes como veículo das suas opiniões e mensagens, sejam políticas, sexuais, humorísticas (ou mesmo como exibição de total ausência de ideias...) e por fim uma última modalidade que emergiu e se consolidou nos últimos 30 anos, que se poderá, à falta de melhor designação, chamar ‘graffiti artístico’.” Jorge Bacelar 2002

A definição de graffiti como Arte surge pela primeira vez em 1984 no livro intitulado *Subway Art* de Marta Cooper fotoperjornalista especializada em Arte e Antropologia e Endry Shelfman fotografo e escultor.

Outras edições, como *Graffiti World*, limitam-se a chamar a este género de graffiti o “graffiti de hoje em dia” (Ganz, 2005/2004, pp.8).

Já no livro *Graffiti Women* (2006), Nicholas Ganz expõe a sua definição do termo “Graffiti”⁴ separando Street Art e graffiti dizendo:

“Graffiti is often associated with letters and the spray can, but many new forms have emerged or developed in recent years that have enriched the scene, including stencils and stickers, often collectively grouped as street art. Street art tends to have fewer rules and embraces a much broader range of styles and techniques.”⁵

³ Jorge Bacelar 2002, página.3

⁴ Nicholas Ganz, Nancy MacDonald, and Swoon, *Graffiti Women: Street Art from Five Continents* (London: Thames & Hudson, 2006), 10-11.

⁵ Idem.

Campos ao definir graffiti não utiliza outra expressão que não graffiti e, no documento que aqui se apresenta, pretende-se chegar a uma nomenclatura diferenciadora das outras vertentes de expressões urbanas. Já a expressão “*graffiti artístico*” de Jorge Bacelar abre caminho a todo um universo de dúvidas e levanta a questão: o graffiti é arte ou vandalismo? Esta pergunta ainda hoje é bastante discutida, mesmo dentro da cultura do graffiti.

É necessário ainda ter em consideração que os “praticantes” de *graffiti*, em primeiro lugar, assumem e partilham uma identidade singular, reconhecível em determinadas práticas e representações, em segundo lugar, aceitam um conjunto de regras e procedimentos, de normas de conduta fundamentais à manutenção da unidade e coerência cultural e, por último, estabelecem vínculos de natureza simbólica, social e afectiva entre si. Logo, podemos argumentar que existe um sentido colectivo, a consciência de existência de uma comunidade alargada, de volumetria variável, que pode cingir-se ao pequeno grupo dos afectos mais próximos daqueles que pintam em conjunto, como pode estender-se a uma massa indistinta de praticantes que vão ocupando a cidade (e o mundo) com as suas inscrições, facto que podemos verificar ao longo deste estudo em relação às graffiters portuguesas.

No seguimento da definição do graffiti torna-se útil definir também o conceito de *street art*. O graffiti, por não ser um movimento homogéneo, evoluiu em muitas direcções e originou diferentes estilos. Desde estéticas diferentes dentro do graffiti, a subgéneros do mesmo. Por subgénero, considera-se uma família/evolução particular da prática do graffiti. É aí que se insere a *street art*. Veja-se então a *street art* como um género que surgiu devido à existência precedente do graffiti⁶. Será mais fácil começar por apontar as diferenças que a *street art* apresenta em relação ao graffiti, desde a forma e a função até à intenção dos objectos criados.

A *street art*, em contraste com o graffiti, é um movimento mais globalizante e integrante: se o graffiti comunica dentro de uma comunidade isolada de *writers* e conhecedores da cultura, a *street art* é facilmente percebida pelo público geral⁷.

Torna-se também importante referir aqui a expressão pós-graffiti⁸, que possui uma definição mais estrita do tipo de arte de rua que é realizada pelas mulheres que produzem graffiti em Portugal, e que se analisa neste documento.

É possível chamar à *street art* pós-graffiti, porque deste modo consegue deixar-se clara a relação intrínseca entre este modo de expressão e o graffiti, seu antecessor.

No entanto, por uma questão de linguagem corrente, chamar-se-á a este género *street art*. Então na definição de *street art* (ou pós-graffiti), temos um movimento derivado do graffiti, que consegue abranger um número alargado de características, mas que une no

⁶ Lewisohn, 2008, pp.15

⁷ Campos 2010

⁸ Expressão referida em algumas obras e artigos. Foi também referida em entrevistas realizadas no decorrer do processo de investigação e projecto (entrevista a Pedro Guerreiro)

seu conceito as formas de expressão que se encontram no meio urbano e que “desconsidera” o *tag* enquanto gerador estilístico, tal como “desconsidera” a opção comunicativa enquanto movimento que não pretende comunicar com a sociedade no geral, mas cuja linguagem se destina somente a *writers* e conhecedores do movimento.

A distinção entre graffiti e *street art* é uma tarefa difícil. Sendo que a *street art* evoluiu do graffiti, logo há autores que misturam as influências das duas partes. Por exemplo, é possível o graffiti usar técnicas que estão normalmente associadas à *street art*, e no entanto ser considerado à mesma graffiti, porque utiliza essas técnicas com a principal preocupação de explorar esteticamente um objecto tipográfico. Para além disso, as aplicações da *street art* continuam a ser, por norma, tão ilegais como as do graffiti, se bem que existe já uma tendência para uma maior aceitação da *street art* no meio artístico, como poderemos verificar mais á frente neste capítulo, no pontos 2.2. O que justifica o surgimento de intervenções legais e em paredes de dimensões impensáveis para uma aplicação ilegal⁹, devido à necessidade de rapidez de execução.

“A *street art* está decididamente vinculada à cultura de massas, na medida em que a sua existência depende de tráfegos comunicacionais globais, de tecnologias recentes e de uma linguagem subtraída a variados universos culturais.” Campos, 2010

Aqui Campos prossegue referindo a proximidade entre a *street art* e as artes plásticas, visto que a *street art* se questiona acerca do seu discurso, tal como da sua evolução estética e técnica.

2.2 Graffiti em Portugal

Para o desenvolvimento do raciocínio da presente dissertação é importante apresentar e clarificar as influências do espaço físico e social que rodeiam as mulheres que fazem graffiti em Portugal. No entanto, devido ao carácter anónimo e ilegal, espontâneo e efémero, torna-se uma tarefa ingrata apurar e confirmar certos factos da história do graffiti português, existem versões contraditórias, nomes que aparecem e desaparecem. A maior parte dos factos provém de memórias pessoais e como tal, torna-se impossível incluir todas as pessoas e circunstâncias que marcaram o nascimento e os primeiros anos do graffiti e da arte urbana em Lisboa, no Porto e nas restantes zonas do país onde a informação sobre o tema é ainda mais escassa. Desta forma, pretende-se contextualizar historicamente de uma forma breve e sucinta, o ambiente em que as artistas ligadas ao graffiti emergiram, desde quando se pensa ser o seu aparecimento, até aos dias de hoje tendo sempre em conta as mutações que o graffiti foi sofrendo: a de artistas, temáticas, técnicas e suportes.

⁹ Intervenções nos espaços públicos em Lisboa, apoiados pela GAU – Galeria de Arte Urbana e pela Pampero Public Art. Ver ponto 2.3

No caso específico de Portugal, os espaços urbanos com mais afluência - Lisboa e Porto e o contexto histórico social da luta pela liberdade e da emancipação da mulher, com a referência às políticas do pós-25 de Abril e a evolução das temáticas, técnicas e linguagens que criam nos dias de hoje novas expressões artísticas e artistas emergentes que se baseiam no graffiti como ponto de partida. Estas perderam o teor político de outrora. Hoje o graffiti é muito mais vocacionado para contextos de marketing e fala abertamente para o público.

A maioria dos documentos existentes¹⁰ referentes ao graffiti do século XX na sua vertente do *hip hop*, estuda-o considerando sobretudo Nova Iorque como o seu local de nascimento. Só recentemente livros como o de Austin, *Taking the train* (2001) e o livro de Ganz, *Graffiti World* (2004) começam a traçar as formas desta linguagem em regiões para além de Nova York. Neste último existe uma referência específica a Portugal, embora que pequena:

“Portugal’s graffiti culture has been developing since the beginning of 1990s. Although primarily concentrated in Lisbon, graffiti has also infiltrated smaller towns”¹¹ Ganz, 2004

O graffiti na sua vertente *hip hop* surge em Nova York, iniciando-se com a aparição de marcas gráficas composta por um nome e um número, em edifícios públicos, sinais de trânsito e nos transportes colectivos. A cidade é invadida por uma profusão de caligrafias indecifráveis, feitas a marcador, que significam “eu estive aqui. eu existo”. Estes primeiros ensaios, designados genericamente como ‘*tags*’, foram integrando a cor, novos estilos e foram também procurando novos processos técnicos. Nos anos seguintes, motivados pela competição, os *writers* procuram novas soluções para ter o seu *tag* o mais visível possível: agrupando-se em grupos (*crews*) para pintar melhor e em maior escala, encontraram nas latas de tinta em spray o meio perfeito para preencher e tornar visíveis grandes áreas. Rapidamente esta nova forma de expressão se desenvolveu na direcção de trabalhos artísticos intrincados e com uma expressividade cada vez mais marcada. Assim, o graffiti contemporâneo é muito mais do que o resultado da vontade de mutilar ou desfigurar equipamentos colectivos públicos, podendo-se considerar antes como um modo atrevido de revelação da criatividade, mestria e arrojo do graffiter.

Mas se no início o graffiti era definido como fenómeno de comunicação restrito de uma subcultura, hoje em dia existem mais dificuldades em atribuir significações precisas e definidoras, pois o fenómeno universalizou-se, e encontram-se exemplares de *tags*, *throw-ups* e *walls* em praticamente todas as cidades de influência ocidental. Assim, em Paris, Sydney, Lisboa, Johannesburg, Madrid, Boston, Zurich, Wellington ou Porto encontraremos exemplares espalhados pelos espaços públicos e privados, que ostentam grafismos similares, iconografias globais, que vão diluindo gradualmente a força e o carácter de identidade visual de uma subcultura caracterizada pela exclusão racial e

¹⁰ Livros/artigos de Marta Cooper, Macdonald, Campos, Bacelar

¹¹ *Graffiti World - Street Art from Five Continents* (2004)

económica, passando a constituir-se como um estilo de vida e de pertença ao grupo, pois estão referenciados *writers* de todas as raças e estratos socioeconómicos.



Fig 1 e 2 à esquerda trabalho de Adres, “revolução dos cravos” à direita trabalho de Banksy.

Fontes: <http://unurth.com/39692/Adres-Carnation-Revolution-Portugal> e

<http://moderncanvasart.wordpress.com/2010/03/25/banksy-canvas-prints-for-sale-but-who-is-banksy/>

Em Portugal, o período de intensa actividade política e liberdade de expressão que tomou o país na sequência da abertura promovida pela Revolução de 25 de Abril de 1974, veio estabelecer o espaço público como meio de comunicação e expressão fundamental para os partidos políticos, associações, movimentos cooperativistas e cidadãos. Durante o Estado Novo as ruas já haviam sido usadas como meio para manifestar palavras de ordem contra a repressão vigente.¹² Tratava-se de frases simples e slogans estilizados que eram altamente reprimidos pela polícia política. No entanto, se reflectirmos não é apropriado definir os murais políticos pós-25 de Abril como objectos transgressores, produções de natureza ilegal ou marginal. Estes correspondiam a processos de comunicação perfeitamente enquadrados numa ordem política, sendo veículos de comunicação socialmente aceites e politicamente legítimos.¹³

Nos anos que se seguiram à Revolução, a criatividade dos portugueses recorria a ferramentas e técnicas como a pintura a pincel e trincha, a rolo, a spray, pintura a *stencil*, cartazes pintados, colagens e autocolantes. A expressão era política, mas também individual e artística. Até ao início da década de 1980, esta expressão foi gradualmente

¹² Meio utilizado por estudantes e grupos políticos opositores expressavam ocasionalmente em murais, e com grande risco, a sua discordância com o regime, a guerra colonial e a proclamação de valores ligados à democracia e liberdade.

¹³ Foi mais comum em determinados partidos políticos, mas praticamente todos os partidos usaram o muro como suporte para a realização de murais e inscrição de palavras de ordem.

substituída por formas mais convencionais e organizadas de propaganda política. A consolidação democrática e a posterior entrada de Portugal na Comunidade Europeia em 1986 e a reorientação da economia para se enquadrar com as tendências liberais ocidentais guiaram o país a uma estabilidade política, social e económica que o equiparou ao resto da Europa e ao seu nível de desenvolvimento.

Durante a década de 1980, Portugal, bem como o resto do mundo, assistiu a um fenómeno cultural exportado dos estados unidos.¹⁴ Em pouco tempo o *hip hop* está por todo o lado, em filmes, livros, discos, vídeo clipes¹⁵ e meios de comunicação que contagiam toda uma geração. O graffiti de expressão Americana, de forma consistente, tem lugar em Carcavelos, um subúrbio à beira-mar, próximo de Lisboa. No entanto, o graffiti já tinha uma história de mais de uma década de desenvolvimento.

Em 1997 o graffiti toma uma nova direcção ligada a uma nova tendência, mais artística e não ligada á escola do graffiti de Nova York. É utilizado o *stencil* para propagar imagens de forma consistente e assinada pela cidade. Os artistas recorrem também à colagem de desenhos impressos, surgindo assim os primeiros autocolantes caseiros ligados a *writers* de graffiti como Mers que, inspirados pelo que vêm no estrangeiro (Europa), decidem apostar em novas ferramentas de comunicação. Com isto a dimensão e a consciência associada à emergente noção de *street art*, ganha peso no início da década de 2000, quando Rocket inicia o seu trabalho de colagens em grande escala.

Nos anos que se seguem Lisboa transforma-se com o aparecimento de novos nomes, novas tendências, tanto no graffiti como na arte urbana, e a multiplicação de visitas de artistas e *writers* do estrangeiro. Uma nova vaga de ilustradores e artistas gráficos aceleram a evolução do processo. A rua torna-se de todos. Hoje em dia, a presença de lojas, de eventos pioneiros como a exposição anual Visual Street Performance, assim como o reconhecimento institucional do fenómeno através da acção da Galeria de Arte Urbana (GAU) promovida pela Câmara Municipal de Lisboa, tornaram a cidade num repositório de propostas válidas e de criatividade ligada a todas estas tendências.

Hoje em dia, em Portugal, existem vários focos de graffiti e *street art*. Podem-se encontrar vários nomes a praticar estas intervenções visuais, sob as suas múltiplas formas, no espaço público, em zonas urbanas e rurais, embora num número inferior, assim para além de Lisboa e Porto ganham destaque regiões como Setúbal, Caldas da Rainha e a região do Algarve, sobretudo em Portimão e Olhão. E isto deve-se ao facto de nos últimos vinte anos, a realidade social, política e económica do país se alterar de inúmeras formas e com ela a vida dos portugueses. Depois do 25 de Abril, Portugal entrou para a Europa e mais tarde aderiu ao Euro . Assistiu a uma feminização acelerada da ocupação do mercado de trabalho, sendo que durante estes últimos anos a mulher

¹⁴ Existiam já, em Paris, artistas que utilizavam o *stencil* muito antes do aparecimento dos primeiros *tags*. Também em Madrid, surgiu um movimento na década de 80 associado ao estilo musical *punk rock* que intervinha nas ruas, mas que nada tinha a ver com o graffiti associado à cultura *hip hop*. (Ganz 2004).

¹⁵ Wild style, Charlie Ahearn, 1983 e Style wars, Henry Chalfant e Tony Silver, 1983

ganhou mais representatividade política.

Hoje o país atravessa uma das suas piores crises económicas e as manifestações de cidadãos descontentes, como da “Geração à rasca”¹⁶ sucedem-se cada vez mais sobretudo nas áreas da saúde, da educação e da agricultura.



Fig 3, 4, 5 Murais da Revolução, anos 70, 80 e 90, Lisboa

Fonte: <http://25abrilalfandega.blogspot.com/2010/05/murais.html>



Fig 6, 7 à esquerda manifestação “geração à rasca”, Lisboa. À direita cartaz manifestação “geração à rasca”, 12 de Março de 2011

Fonte: http://www.jn.pt/multimedia/galeria.aspx?content_id=1804700

“Há os movimentos sociais que sublinham as peculiaridades, como nos casos dos movimentos étnicos, de juventude, de género, entre outros. Em contraste com a universalidade e a generalidade da economia e do meio ambiente global, eles chamam a atenção para particularidades do grupo, lugar, comunidade e história”¹⁷ KUMAR,1997

Durante estes acontecimentos, os meios média têm desenvolvido um papel importante na construção social da imagem do graffiter. Estes funcionam como um instrumento que

¹⁶ ver anexo “Manifesto Geração à rasca” disponível em: <http://www.ncoisas.com/manifestacao-geracao-rasca/>

¹⁷ Krishan Kumar “Da sociedade Pós - Industrial à Pós- Moderna“.1997

cria uma imagem “cool” do graffiti bem como o apresenta como ameaça. Como podemos verificar nos pontos seguintes 2.2.1 e 2.2.2, deste capítulo.

2.2.1 A divulgação do graffiti e as novas tecnologias

Actualmente, o graffiti e o *hip hop* já não se encontram tão estritamente ligados e o próprio graffiti já evoluiu estilisticamente, extravasando as características técnicas e formais do graffiti gerado em Nova York. A utilização de diferentes técnicas para além do spray, a mudança da linguagem estética (incluindo novas formas de distorção tipográfica), a globalização do movimento e suas conseqüentes derivações locais podem agora ser analisadas em vários formatos. A internet veio em muito influenciar a evolução e fusão estilística, permitindo uma publicação cada vez mais rápida do que se faz no mundo inteiro em termos de graffiti. São vários os sites virtuais existentes que se dedicam à difusão deste movimento, como o *Art Crimes*¹⁸ e o *Wooster Collective*¹⁹.

O graffiti apresenta-se assim como um espaço semântico de encontro, que aglutina pessoas com os mesmos gostos e afinidades, comunicando através de sinais e nomes de códigos, como um grupo que gosta de uma determinada saga²⁰ ou banda de música e, a partir daqui, depois de estar dentro deste espaço é mais simples encontrar pessoas com afinidades comuns a nós, portanto, basicamente o graffiti é uma rede social para gente jovem com interesses e narrativas semelhantes.

A utilização da internet como um meio de registo e difusão dos feitos de *writers* e *street artists* está já solidamente estabelecida. Devido ao cariz efémero das intervenções, por vezes a única prova de que estas aconteceram é através do registo fotográfico ou em filme. Este fenómeno, para além de permitir uma actualização em tempo real do que se passa no meio do graffiti e da *street art*, tornou possível o reconhecimento mundial de indivíduos que de outra forma não seriam sequer identificados.

É desta forma que os novos movimentos sociais estão situados no ambiente globalizado e da sociedade de informação. Através da internet são criadas plataformas que possibilitam mostrar o trabalho dos graffiteres e onde a presença de graffiteres mulheres já se faz notar. Este tipo de contacto em Portugal teve início no final da década de noventa, quando surge

¹⁸ <http://www.artcrimes.com/index.html>

¹⁹ woostercollective.com foi criado em 2003 e dedica-se à divulgação de arte efémera nas ruas, contendo *links* para vários *sites* de artistas de rua, como Swoon. Criado por Marc e Sara Schiller oferece tem entre os seus conteúdos música e entrevistas a artista da Street Art. O nome Wooster vem de Wooster Street, localizada no bairro de SoHo em Nova York. Para além do seu formato virtual o Wooster também publica livros e artigos, tal como cura várias exposições assentes na temática da *street art*. Definição disponível em: http://en.wikipedia.org/wiki/Wooster_Collective

²⁰ A guerra da estrelas. As pessoas vestem-se e falam dentro de um determinado estilo e tem a sua rede de contactos

o canal pt graffiti no *mirc*²¹, onde os *writers* estabelecem contacto via internet pela primeira vez. Com origem nesta troca de informação, tem lugar em 1999 o “ 1.º Encontro Internacional de Graffiti” que traz a Portugal Sacer, Loomit, Os Gémeos, Neck e Moritz.

Uma das plataformas que merece especial atenção é a Underdogs²² por três razões: primeiro pela sua capacidade de unir diferentes artistas, com diferentes linguagens e técnicas que geram novas propostas estéticas que importa aqui, no contexto do graffiti no feminino, reconhecer e validar. Em segundo lugar, porque dá a conhecer e apoia o trabalho de criadores cuja actividade se tem mantido restrita a um círculo alternativo e fechado em si mesmo, e em último lugar, porque os trabalhos que divulga apresentam com precisão um segmento importante da cultura visual e gráfica contemporânea da qual as mulheres graffiters fazem parte.

Desta forma, a Underdogs visa criar espaço no panorama da arte contemporânea para criadores nacionais e estrangeiros ligados a novas linguagens da arte urbana. Os criadores nela reunidos têm articulado as suas linguagens nas ruas, ambientes devolutos e circuitos alternativos de Lisboa, Porto e outros espaços em Portugal e no estrangeiro. Estes artistas articulam uma arte eclética, directa, poética e marginal, cheia de energia e adaptabilidade criativa, tanto na rua como na galeria. Todos eles, independentemente do seu género, apresentam energia, adaptabilidade criativa e vontade de se expressarem em diversos ambientes, tanto no meio urbano externo (*outdoors*) como em ambientes interiores (*indoors*).

Este projecto apresentou a sua primeira acção pública na Agência de Arte Vera Cortês, em Lisboa, entre 26 de Novembro de 2010 e 15 de Janeiro de 2011 e contou com a participação dos artistas ±, Adres, Kusca, Mar, Obey, Ram, Smart Bastard, Sphiza, Tosco e Vhils. A sua segunda acção teve lugar no dia 26 de Setembro de 2011 nos Maus Hábitos na cidade do Porto.

Sendo que estes artistas fazem parte de um contexto do qual as graffiters portuguesas se incluem, torna-se importante indicar as suas origens e conhecer os estilos individuais que de cada um:

± surge em 2005 no Porto, no âmbito de uma tese académica desenvolvida por Miguel Januário. É um projecto de intervenção que reflecte sobre as estruturas políticas, sociais e económicas que regem a vida do cidadão em sociedade e as suas implicações e consequências. A equação ± representa em si a simplicidade e opostos como: mais/menos, positivo/negativo, preto/branco, tendo em conta que mais/menos é igual a zero representando segundo a disciplina da matemática algo nulo.²³

²¹ MIRC é um cliente de IRC, shareware, para o sistema operacional Microsoft Windows, criado em 1995 e desenvolvido por Khaled Mardam-Bey com a finalidade principal de ser um programa chat utilizando o protocolo IRC, onde é possível conversar com milhões de pessoas de diferentes partes do mundo. Este era somente o seu uso, mas evoluiu para uma ferramenta totalmente configurável, que pode ser usada para muitas finalidades devido à sua linguagem de programação incorporada (mIRC Scripting).

Definição disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/MIRC>

²² www.under-dogs.net

²³ Underdogs 2010

“É uma marca anti-marca, que serve de anulação ao sistema económico capitalista, uma força alternativa, que pretende assumir uma representação para toda a sociedade, todos os quadrantes, independentemente do seu posicionamento ideológico, seja de direita, de esquerda, ou anarquista.” Miguel Januário, 2010

Adres (1981) pinta desde o final da década de noventa, altura em que fizera uma breve incursão no graffiti clássico. No entanto, não se identificou com as suas limitações e meio fechado, o que o fez parar até ver uma obra de Banksy e o site Wooster Collective, já referido anteriormente neste capítulo. Intervém assim, nas ruas de Lisboa e arredores desde 2004. Utiliza a técnica do *stencil*, mais adaptada às suas capacidades e à linguagem que quer expressar. Explora pontos de tensão social de forma irónica e humorística, utilizando personagens como o Zé Povinho, crianças que escrevem nas paredes e o Capuchinho Vermelho armado com uma G3.²⁴

“Interessa-me tentar despertar a atenção das pessoas para as leituras da realidade e comunicar com elas” Adres 2010



Fig 8 Trabalho de Adres NoName Boy and Tag Girl “Don’t write on the walls”, Loures
Fonte: Underdogs 2010, pp28

²⁴ Underdogs 2010



Fig 9 e 10 À esquerda trabalho de Kusca “3D com efeito magenta”, 2009 Lisboa; à direita trabalho de Mar, Underdogs 2010, Lisboa. Fonte: Underdogs 2010, pp28 e <http://www.stick2target.com/the-underdogs>

Kusca (1976, Lisboa) apresenta uma linguagem abrangente, nostálgica e futurista relacionada com o ser português²⁵. As suas imagens representam o presente e o passado em conjunto com jogos gráficos em CMYK²⁶. Explora a recuperação de elementos da cultura tradicional e popular portuguesa, construindo uma nova iconografia nacional.

Mar (1974, Seixal), como podemos observar na fig.10, cria figuras em diferentes suportes: paredes, telas e colagens. Mistura figuras populares com figuras da mitologia grega, heróis, a cultura Pop contemporânea e a tradição clássica, representando um novo estilo colorido e emotivo com jogos de poder e contra poder, realidades e imaginários com influência no universo Pop da Marvel²⁷, da Rua Sésamo²⁸ e do graffiti.

Obey (1974, Lisboa) é um dos pioneiros do graffiti em Portugal, distingue-se pela

²⁵ Utiliza figuras da tradição Portuguesa como Fernando Pessoa, Camões, Amália, Almada Negreiros e Beatriz Costa

²⁶ Abreviatura para ceano, magenta, yellow(amarelo) e blak(preto)

²⁷ Marvel Comics, apelidada de *House of Ideas* ("Casa das Ideias"), é uma editora americana de banda desenhada pertencente à Walt Disney Company. Com sede em Nova York, é uma das mais importantes editoras do género no mundo, tendo criado muitos dos mais importantes e mais populares super-heróis, anti-heróis e vilões das histórias em quadrinhos. A partir da década de 1960, tornou-se uma das maiores empresas norte-americanas neste ramo, ao lado da DC Comics e da Image Comics. O catálogo da Marvel, possui 5,000 personagens. Definição disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Marvel_Comics

²⁸ Rua Sésamo, é a versão portuguesa do programa infantil de televisão americano *Sesame Street*, produzido pela RTP em 1989. Este programa tinha as finalidades de entreter as crianças mais novas, e também pedagógica. Entre as personagens principais, estavam o Poupas, o Ferrão, a gata Tita, o Mestre André, a Avó Chica, e o livreiro Zé Maria. O programa é visto como uma das melhores séries pedagógicas dos últimos vinte anos. Definição disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Rua_Sésamo

originalidade e vitalidade das formas e letras. É uma referência para as gerações de *writers* que se sucedem devido ao seu contributo para a expansão da vertente mais estrema e pura do graffiti.



Fig 11 trabalhos de Obey, Underdogs 2010, Lisboa . Fonte: <http://www.stick2target.com/the-underdogs>

Ram (1976, Sintra) apresenta uma linguagem completamente original no graffiti e na estética urbana desde 1997. Como podemos verificar na figura 12, as suas imagens assemelham-se a explosões, cheias de ação, dimensão, cor, vitalidade e realidades fantásticas.



Fig 12 trabalho de Ram, Underdogs 2010, Lisboa. Fonte: <http://www.stick2target.com/the-underdogs>

Sphiza (Porto, 1987) faz graffiti desde 2005. Pinta na maioria grandes murais, rostos com

traços fortes e marcados. Ultimamente tem explorado o ramo da gravura nas paredes. Inspira-se na convivência e histórias de vida individuais no espaço colectivo das cidades. O seu trabalho destaca -se pela originalidade com que desenvolve uma linguagem manifestamente figurativa.

Teremos mais à frente, no capítulo IV, a oportunidade de aprofundar as características das obras desta artista com qual se falou pessoalmente.

Tosco (Lisboa, 1981) cria um universo macabro, soturno, mas muito expressivo e com humor negro. Apresentando criaturas estranhas e aterradoras em locais abandonados e devolutos. Trabalha com o contraste gráfico do preto e do branco (fig.13). No início, por meados da década de noventa pintava graffiti na sua vertente clássica, no entanto, desde 2007 pinta numa vertente de linha mais gráfica, não convencional em Portugal.

Alexandre Farto, Vhils (Lisboa, 1987) produz obras muito urbanas e complexas, espalhadas por vários países, em exposições e intervenções livres em paredes. Reflete a procura de uma essência perdida. O seu primeiro ensaio público com a linguagem que apresenta nos dias de hoje, surge em 2007 na VSP-Visual Street Performance, onde participava desde 2004 com o apoio de Vera Cortês com quem trabalhava. O seu trabalho está ligado à brutalidade do processo em si. Utiliza martelos pneumáticos e escopros para cavar paredes previamente pintadas e delineadas.



Fig 13 e 14 à esquerda trabalho de Tosco, à direita trabalho de Vhils. Acção pública Underdogs, 2010 Lisboa

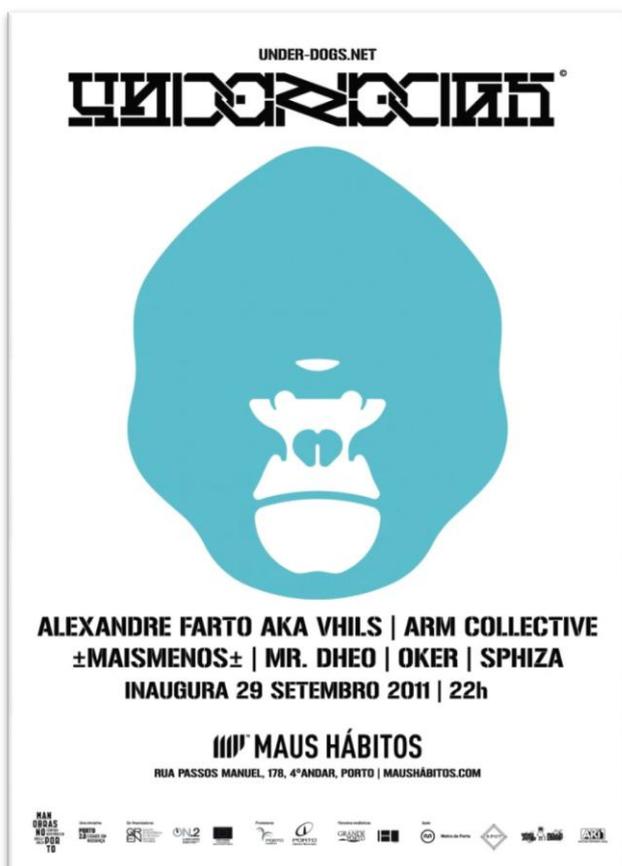


Fig 15 e 16 à esquerda Cartaz acção Underdogs nos Maus Hábitos, no Porto. À direita trabalho de Sphiza acção pública Underdogs, 2011 Porto.



Fig 17 ao fundo da imagem à esquerda trabalho de Vhils e à direita trabalho de ±. Underdogs . Maus Hábitos, Porto 2011.

VSP - Visual Street Performance

Depois de cinco edições consecutivas em Lisboa, o *Visual Street Performance*²⁹ (VSP) realizou-se pela primeira vez no Porto. Dos dias 8 a 11 de Abril de 2010, onde graffiteurs nacionais como HBSR, Hium, Klit, Mar, Vhils e Sphiza mostraram os seus trabalhos na Fundação Escultor José Rodrigues, na Rua da Fábrica Social.

O VSP surgiu em 2005 de um colectivo de artistas. Faziam parte desse colectivo Hium, Time, Hibashira, Ram, Mar e Vhils, que até então só trabalhavam na rua, mas decidiram transpor os seus trabalhos para um espaço interior, numa fábrica abandonada no centro de Lisboa.³⁰

O objectivo do VSP é transformar espaços devolutos em galerias públicas. Conta além disso com música ao vivo, demonstrações de skate e projecções de filmes para além da pintura com convidados nacionais e estrangeiros (Caos, Mr. Dheo, Oker, Youth One e a dupla Best & Ever). Neste contexto a noção de nacionalidade dos artistas acaba por ser alterada ou irrelevante, o principal objectivo é criar em conjunto espaços de arte que coabitem com o artista e o espectador e tragam nova vida a espaços esquecidos.



Fig 18 e 19 esquerda trabalho de Sphiza, à direita trabalho de Best&Ever, VSP Porto 2010.

²⁹ <http://visualstreetperformance.blogspot.com/>

³⁰ Dados recolhidos através de entrevista a Vhils, disponível em: <http://www.maissoma.com/2010/12/1/entrevista-vhils-por-natalia-lucki> ou ver anexo

2.2.2 Graffiti e sociedade de consumo

O graffiti é conotado como algo marginal³¹, perigoso, infame, rebelde e subversivo, o que o torna um excelente chamativo para os mais novos e em especial para classes sociais mais baixas, onde à partida existe uma maior necessidade de afirmação e contestação. E apesar das perseguições policiais e leis referentes ao graffiti³², os graffiteurs parecem ganhar mais força e presença na sociedade.

«Mas nada disto é compaginável» com os graffiti que diz estarem a «dar cabo» da paisagem urbana.

O autarca contou que, domingo, «a Polícia Municipal conseguiu deter» e identificar sete indivíduos, depois de dias antes ter detido outros «cinco», que se preparavam para «borrar mais uma parede desta cidade», considerando «miserável» tal prática.

Rio defendeu que o «quadro legal devia ser melhorado no sentido de responsabilizar essa gente», afirmou, entretanto, esperar que haja alguma «consequência» para os sete detidos e prometeu que se vai «empenhar cada vez para combater este fenómeno», atribuindo-o a «uma escassa minoria». Entrevista a Rui Rio presidente da autarquia do Porto, 27 de Setembro de 2011. Fonte Lusa/Sol

“E ainda é ilegal e assim o deve ser. Deve haver alternativa, espaços legais etc., mas o factor surpresa e libertário que o movimento tem deve ser mantido, porque o impacto da peça ou mensagem não é o mesmo de quando estamos à espera de a ver. Nunca me condicionou até hoje e acho que cada vez mais se deve olhar para o espaço público da cidade como um espaço para ser utilizado e não para ser um espaço que nos utiliza. Estéril e cinzento que só favorece a publicidade e não a humanização”.³³ Alexandre Farto (Vhils), Setembro 2011

Com a conquista de uma maior aceitação e com sua percepção como sendo um meio artístico, mas que no entanto não perdeu o seu carácter marginal, que busca ir além de limites e extremos, a sua presença expandiu-se por vários campos. Deixou de estar presente apenas no exterior nos muros e fachadas e introduziu-se no interior das casas, em mobiliário, roupa, calçado, electrodomésticos, portáteis, telemóveis, brinquedos, bebidas, livros e em CD's de musica, conquistando cada vez mais espaços, como montras de lojas, salas de convívio de escolas e associações. Foi possível verificar isso nas entrevistas com Rafi Azadi e Tâmara Alves, que frequentemente pintam para estes

³¹ Bacelar, Notas Sobre a mais velha Arte do mundo, pp. 5 “Marginalidade e estigma”

³² Decreto de lei Artigo 212.º Dano, e Artigo 213.º Dano qualificado. Ver em anexo

³³ O SOL entrevistou Alexandre Farto, dias após a sua nomeação pelo Guardian que escolheu uma das suas obras como um dos 10 melhores exemplos de street art mundial. Entrevista disponível em: <http://sol.sapo.pt/pesquisa/default.aspx?search=graffiti>

espaços.³⁴

“Trabalho maioritariamente na área de ilustração e pintura.

A última exposição intitulava-se Wine Talk & Arts para a Adega Mayor e de momento estou a criar ilustrações para uma marca nova de roupa. Já fiz pintura em paredes de casas de particulares, ilustração para jornais e revistas, etc... tenho um trabalho muito versátil.” Tâmara, 2011³⁵

Hoje a estética do graffiti pode ser encontrada frequentemente na área do design e da ilustração, que se uniu a estes artistas e por isso é possível observar nos cartazes na rua, ou imagens de marca e campanhas publicitárias influenciadas claramente por este espírito.

Então vemos, marcas como a Adidas³⁶, Nike, Coca-Cola, Delta Q³⁷ e Calvin Klein já utilizam o graffiti nas suas campanhas promocionais³⁸, absorvendo uma linguagem street Art (*cool*, original e criativa) e subvertendo a imagem do produto que promovem, procurando apelar a um público consumidor mais jovem, que apesar de não possuir grande poder monetário tem grande influência sobre quem possui, os seus pais.

Apesar da sua ideologia o graffiti tornou-se um comércio não só pela inclusão do estilo visual do graffiti nos genéricos de programas televisivos 'radicais' ou pela adopção de estilos de vestuário vulgarmente associados aos *writers*, e mesmo a alguns maneirismos verbais e gestuais do *hip-hop*, que nos habituamos a ver na televisão e no cinema, mas também pelos negócios que a própria prática do graffiti impulsiona nomeadamente a constituição de empresas especializadas em remover graffiti, na venda de produtos químicos para proteger as paredes do vandalismo (ou para pintá-las), e no sentido oposto, pelo aumento exponencial nas vendas de sprays e materiais auxiliares.

“(...)E eles quando fazem campanhas de publicidade fazem com bué amor e carinho p’a fazer uma coisa bonita nos outdoors, e não mais um outdoor. E tu vês que eles não pensam naquela coisa toda do vender e... Pá, mas a verdade é que a *street art* é uma coisa que ‘tá cada vez mais em voga, ‘tá muito na moda. Eu noto tanto, quando eu comecei a pintar p’ra agora. Tipo em 5 anos... Pá, eu ia à fnac, não havia livros, tipo, não havia quase nada. E agora tu vais à fnac e tens já uma secção disso e é um g’anda *boom!* É uma cena surreal. Toda a gente faz... E ainda bem que fazem! Mas ‘tá uma cena que ‘tá na moda. E como a publicidade tem tendência a agarrar tudo o que é *trendy*, e que pode chamar à atenção, vai atrás dessas coisas, nomeadamente da *street art* e do graffiti.” ³⁹Maria Imaginário, 2010

³⁴ ver capítulo III e IV

³⁵ transcrito da entrevista de Tâmara Alves, via mail

³⁶ Ver campanha Adidas, disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=aJoBZW4lEQ>

³⁷ Máquina de café Qosmo da Delta Q : <http://arkivarte.blogspot.com/2010/12/delta-q.html>

³⁸ http://www.aef.com/exhibits/awards/clio_awards/2005/08

³⁹ Retirado de entrevista realizada por Inês Delicioso a Maria Imaginário, ver anexo



Fig. 20 dois modelos Citroen DS3, pintados(da esquerda para a direita) pelos graffiteurs ParizOne e Vanessa Teodoro. Fonte:<http://www.marketeer.pt/2011/07/07/citroen-veste-se-de-graffitti-para-percorrer-lisboa/> ou http://www.youtube.com/watch?v=kLM_Od2Ffe8



Fig 21 e 22 Publicidade Vodafone Verão 2008, Nokia Xpress Music com ilustrações de Vanessa Teodoro.



Fig. 23 e 24 à esquerda trabalho de Leonor Morais, à direita Rafi ao lado de um trabalho que realizou para uma montra de uma loja de vestuário.



fig 25 Banksy.

Fonte: www.artofthestate.co.ukBanksy

2.3 Revisão de literatura, investigação e projectos já realizados nesta área de investigação

Foram encontrados ao longo da investigação diversos projectos relacionados com esta área de investigação. Deles importa referir dois que foram fundamentais para o conhecimento da subcultura do graffiti no feminino e para a preparação das incursões etnográficas.

O filme “Girl Power”⁴⁰ de Ordrej Ryder é o primeiro documentário filmado sobre mulheres que fazem graffiti. A ideia por detrás deste filme nasceu em Praga em 2008 durante a filmagem de um pequeno vídeo de entrevistas com graffitis femininas. Devido ao sucesso deste trabalho foi decidido explorar este tópico de forma mais aprofundada. O tema central de estudo seria então a mulher no Mundo do graffiti.

A intenção deste filme é capturar a perspectiva feminina por trás do graffiti e as implicações sociais no contexto da subcultura do Graffiti. Aqui questionam-se porque existem tão poucas graffitis femininas a pintar e quais as suas razões para o fazerem, tendo em conta que é um estilo de vida potencialmente arriscado e tendencialmente associado ao sexo masculino.

⁴⁰ Vídeo disponível em:

http://www.streetartportugal.com/index.php?option=com_content&view=article&id=32:girl-power&catid=11:pintura consultado a 01.03.11 às 11:57)

No entanto, ao longo das filmagens estão a deparar-se com mulheres que dedicam as suas vidas, e encaram o perigo por vontade própria, e o mais importante, conseguem fazê-lo sozinhas tendo uma abordagem completamente diferente dentro do graffiti. Isto porque consideram o graffiti uma forma de entretenimento, combinada com vários elementos como a moda, com vestuário por vezes extravagante, mascarar que lhes tapam o rosto e criam novas personagens e em alguns casos pintam as unhas, põem saltos e colocam perucas.

Desta forma, estes aspectos dão forma a uma nova dimensão do graffiti. É mais divertido, variado e além disso, sobe este ponto de vista diferente da abordagem masculina.

Para filmar esta subcultura tão objectivamente quanto possível e ver como o graffiti feminino evoluiu em todo o mundo, uma equipa está a viajar por mais de dez cidades Europeias, passando por Berlim, Praga, Paris, Milão, Madrid e Lisboa numa caravana que acompanha as graffitis e onde elas deixam o seus *tags*, atravessando depois o atlântico até Nova Iorque. A sua estreia está prevista para o corrente ano de 2011.



Fig 26 Auto-caravana Girl Power, 2010

Em “ Graffiti Women” (2006) , Nicholas Ganz apresenta mais de 1000 ilustrações de algumas das artistas mais proeminentes dos cinco continentes como Sasu do Japão, Nina do Brasil, Peste do México e as Americanas Lady Pink, Swoon e Miss17. Trata-se de uma das primeiras e mais abrangentes pesquisas nesta área.

Neste livro o autor indica que as mulheres tem estado desde sempre na vanguarda do movimento do graffiti, mas normalmente são “ofuscadas” pelos homens devido á sua minoria neste meio e não pela sua falta de inovação, técnica ou talento.



Fig 27 e 28 à esquerda Lady Pink Nova York, à direita mural de Lady Pink “*Faith in Women*”, Minneapolis, Intermedia Art Center, 2005. Disponível em: <http://www.pinksmith.com/blog/>

“Women are very often forgotten or underrepresented in the graffiti and street art related literature. Men didn't take them seriously several years ago (...) As it is normal in our society, graffiti was and still is very male dominated. A field, where men could prove their masculinity. Seeing women entering this scene was some kind of attack to their masculinity. Woman saw painting graffiti as a feminist revolution and it was. Today there are many women entering street art and graffiti, and they are treated mainly as equal and seen as inspiring. Times have changed, so does our society. I don't see differences between male and female work, both are equal in my view. (...) there had always been female graffiti writers in the streets and they did very successful.(...) Many women enter the street art movement as men do, because it is easier than graffiti. But you will be surprised to see more graffiti women than street art women in the book.”⁴¹ Nicholas Ganz

Nicholas Ganz, juntamente com Nancy Macdonald e Swoon, produziu uma narrativa que conta a história intrincada de mulheres *writers*, incluindo as histórias pessoais das artistas e as suas percepções sobre o mundo da arte urbana dominada por homens. Os retratos das artistas presentes nesta obra foram fornecidos ao autor por elas mesmas, fornecendo assim pistas das suas identidades individuais, ideais e o seu próprio papel e experiência como mulheres graffities.

As imagens de Graffiti Women demonstram de que formas subjectivas as graffities se transformam devido a uma presença hiper masculina na cultura do graffiti. Por causa da natureza masculina do graffiti, as graffities tendem a escolher entre representarem-se com características masculinas na tentativa de ganhar autenticidade como graffities, ou

⁴¹ retirado de entrevista a Nicholas Ganz , disponível em: <http://www.duncancumming.co.uk/interview17.cfm> consultado a 01.03.11 às 12:01

escolher destacar-se como mulheres para ganhar atenção dos graffiteurs. Estes retratos são além do mais a prova de que as mulheres de facto contribuem e estão envolvidas no graffiti.

Por outro lado, estes retratos dão às artistas a oportunidade de alterar o estereótipo de que o graffiti é uma ocupação de homens. Elas são capazes de demonstrar que são uma parte importante do graffiti e que são capazes tal como os homens de dominar as técnicas e ser criativas.

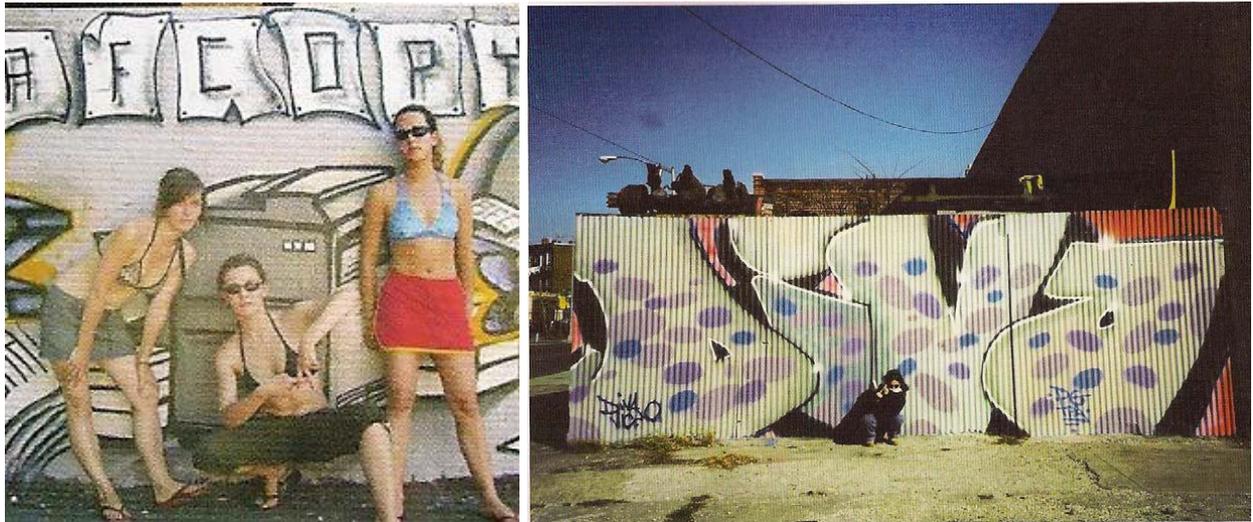


Fig. 29 e 30. À esquerda retrato da AFC crew, à direita retrato de DIVA
Fonte: *Graffiti Women*

III - Graffiti no feminino

3.1 Relato da evolução do pensamento e discurso ao longo deste trabalho.

Neste capítulo inscreve-se a necessidade de debater o graffiti no feminino. Numa época em que surgem cada vez mais indivíduos a fazer graffiti sobretudo na sua vertente *street art* é pertinente acompanhar o contributo da intervenção feminina neste ambiente onde ganha cada vez mais presença.

Conhecendo já o estado da arte e o ambiente que as rodeiam, é agora importante ter conhecimento do trabalho feito pelas graffitters, as suas principais mensagens e as artistas com maior destaque nesta área, como Swoon⁴² e Miss Van.

Actualmente tem sido dadas consideráveis aplicações aos meios de expressão e técnicas que derivam do graffiti, resultando em variadíssimas tipologias de intervenção urbana, mas com isto, hoje o graffiti passou a ter um valor comercial. As pessoas compram peças aos graffitters para decorar paredes das suas casas ou para decorar um espaço público como uma escola, um bar, ou até lojas de roupa e produtos desportivos (ver capítulo II). Estes espaços parecem oferecer maior compatibilidade com as graffitters. No entanto, podem-se contar pelos dedos raparigas que façam graffiti nestes espaços. E quando as há o seu trabalho é muito pouco conhecido ou dado a conhecer. Nos livros no meio de várias referências a graffitters do sexo masculino, encontra-se referência a duas ou três graffitters femininas.⁴³

A imagem da mulher é utilizada como objecto criativo, cultural e comercial, como o exemplo das meninas do “B-Gode”⁴⁴, que espalham o *stencil* de um bigode sobre cartazes da cidade. Como podemos verificar nas figuras 31 e 32, tiram partido de um símbolo popular da mulher portuguesa para transmitirem uma mensagem social⁴⁵. Através de um *stencil* a ideia começou a ser comunicada. Aos domingos saíam de madrugada para as ruas do Porto com uma indumentária de tom negro e uma lata de spray na mão. Percorreram as ruas “bigodando” algumas paredes. O principal objectivo é captar a atenção dos transeuntes para um bigode colocando-lhes a sumária questão: “Conhece este bigode?”.

Também é importante referir artistas como Holzer, Swoon, Spray it Lowd (Buga-UP)⁴⁶ e Guerilla Guirls, que fazem parte das principais referências do graffiti no feminino e demonstram o impacto do graffiti no Mundo da Arte.

⁴² Ver figures 34 e 35

⁴³ Livros como: Graffiti World, Subway Art, Underdogs

⁴⁴ “B-Gode” quer dizer mesmo o que parece, porque a mulher portuguesa tem fama de ter bigode, e a dupla decidiu brincar com a ideia de se ter bigode, tornando-a “uma tendência atractiva e não repulsiva”-

⁴⁵ Ver anexo “Porque a mulher portuguesa tem bigode, nasce “B-gode”” disponível em: <http://www.grandeportoonline.com/catalog/product.do?productId=d1dc54992b476a11012dcc4da8500ef4&hasFlash=no>

⁴⁶ Ver figura 31



Fig 31 Retrato da avó das autoras do projecto B-Gode

Fonte: <http://www.grandeportoonline.com/catalog/product.do?productId=d1dc54992b476a11012dcc4da8500ef4&hasFlash=no>



Fig 32 Stencil B-Gode e as suas autoras

Fonte: <http://www.umbigomagazine.com/um/2010-12-09/conheces-este-b-gode.html>



Fig 33 "If this lady was a car... she'd run you down". Graffiti Billboard, Spray it Lowd. Fotografia de Jill Posener, 1979. Fonte: <http://www.changingworld.com/catalog/this-lady-shed-down-graffiti-billboard-photo-jill-posener-1979-click-read-more-adversiting-p-1208.html>



Fig 34 e 35 Trabalho de Swoon, Nova York, 2009
 Fonte: <http://www.fatcap.com/graffiti/43462-swoon-new-york-city.html>

Com uma linguagem mais reivindicativa, o grupo de artistas Guerilla Girls começou a ter destaque na exibição “*International Survey of Painting and Sculpture*” no MoMAz⁴⁷ em 1984. Análogo a uma *crew*, este colectivo de artistas curadoras e estudantes uniram-se por um objectivo comum. Sobe a protecção de uma identidade anónima colectiva, o grupo fixa as suas intervenções a meio da noite.

As Guerilla Girls produzem graffiti na forma de posters, tal como Holzer e Swoon, que são colados pelas ruas. Criam desta forma o seu “serviço público de mensagens” usando texto e, ocasionalmente imagens. Desenvolvem trabalhos ligados a alvos específicos que são colocados em ruas onde se localizam galerias de arte museus proeminentes. Mas as rua não é o seu único local de intervenção. Como os “*bombers*” que se querem destacar em espaços públicos⁴⁸, as Guerilla Girls colaram os seus trabalhos nas casas de banho do Carnegie Institute e deixaram mensagens em livros e catálogos no Guggenheim Museum’s bookstore. O tema central é a posição da mulher na arte e a sua forma de intervenção tem colhido frutos. Acusações como “How Many Women Had One-Person Exhibitions at NY Museums Last Year?” encorajam a mudança institucional.



Fig 36, Guerilla Girls, *How Many Women Had One Person Exhibitions at NYC Museums Last Year?*, 1985.

⁴⁷ Museum of Modern Art

⁴⁸ Dentro de auto-carros, em cabines telefónicas e caixas eléctricas



Fig 37 Guerilla Girls, *Do Women Have to Be Naked...*, c. 1986.

Recentemente surgiu em Portugal um grupo informal de mulheres e homens que se denomina de “O Colectivo Feminista”, que pretendem contribuir para trazer o feminismo para as ruas, para os pensamentos e para a vida quotidiana. São pessoas com diferentes formações, entre elas há artistas e cientistas, taxistas e activistas, optimistas e pessimistas, realistas e idealistas, mas todas partilham a convicção comum de que todos somos sistematicamente limitados nas nossas escolhas e oportunidades pelas ideias dominantes na nossa sociedade sobre o que é um “homem a sério” ou uma “mulher às direitas”.

Desta forma, assumem uma postura crítica face a essas regras restritivas de masculinidade e feminilidade e combatem todas as formas de discriminação a que elas dão origem, em particular o sexismo e a homofobia, e fazem-no através de acções de rua e campanhas variadas, tirando partido do humor e o “efeito surpresa” como as suas principais armas.

No *blog* onde divulgam o seu trabalho recebem opiniões distintas:

“Pessoal, defender pontos de vista é sempre legítimo, a divulgação também é meritória, há causas que são mais do que justas, mas...é preciso escrever nas paredes dos outros? Que péssimo exemplo ! Espero que revejam as vossas formas de actuação e que promovam o respeito pelos outros, um dos melhores modos de conseguir o respeito dos outros mas vamos aos pontos positivos: a ideia de denunciar o abuso dos

publicitários que usam as mulheres (e, crescentemente, as crianças) de preferência quase nuas para vender todo e qualquer produto ou serviço, poupando na imaginação e disfarçando a falta de inteligência na concepção de campanhas promocionais, procurando lucrar sem esforço por recurso a mensagens primárias dirigidas aos consumidores trogloditas que tentam perpetuar num negócio entre pares - sim, estou a referir-me aos trogloditas dos directores de marketing, técnicos e responsáveis publicitários.

Sempre acreditei que a acusação pública e fundamentada do recurso a tais métodos publicitários (além de chamar aos ditos o que eles de facto são) é capaz de assustar os empresários e sensibilizá-los para se exigir dos profissionais da publicidade mais imaginação e inteligência, a benefício de todos!” (Anónimo, 23.05.06)

“Quero expressar o meu profundo desacordo com a opinião do Sr. Anónimo de que a vossa acção com os *stencils* tenha sido um mau exemplo.

Tratou-se de uma acção de sensibilização em que é passada uma ideia, em que há comunicação com a população, em nada diferente da campanha da Sociedade Portuguesa de Cardiologia intitulada ‘A Marca’, que teve como mote ‘Não seja a próxima vítima, em que também foi utilizado o *stencil* em locais públicos (para quem não se lembra, eram as marcas de cadáver espalhadas pelo chão de várias cidades).

O vosso *stencil* seria muito bem vindo nas paredes exteriores da minha casa. Parabéns.” (Yana António, 22/8/07 23:14)



Fig 38 e 39 Primeira Acção de Rua do Colectivo Feminista, 25 de Abril de 2006, cidade Universitária, Lisboa. Fotos de Barrigueta e RF

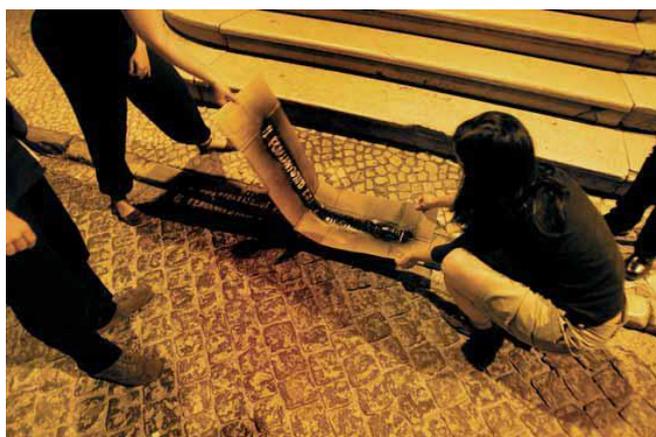


Fig 40 e 41 Rua do Telhal, Lisboa, 17 de Janeiro de 2008

O graffiti é encarado como forma de reivindicação social ou expressão própria, mas fortemente associado ao género masculino. As mulheres pelo simples acto de fazerem graffiti interrogam e impõem-se fisicamente face a preconceitos sociais num espaço masculino. Com esta acção contrapõem a imagem de fragilidade e delicadeza já pré-definidas pela sociedade (publicidades de perfumes)- o graffiti oferece-lhes a oportunidade de saltar para fora de uma sociedade de normas e criar novas identidades e personagens.

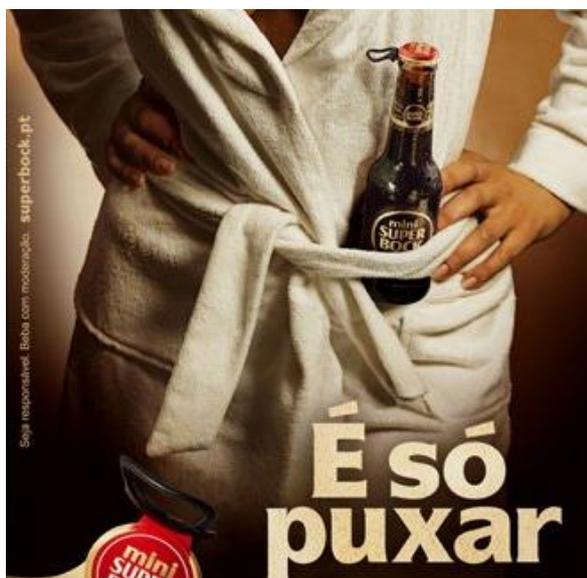


Fig 42 e 43 Publicidade Super bock mini e Publicidade Mini Cooper

Fonte: <http://imagensdemarca.sapo.pt/marcasodia/listamarcas.php?idSec=2&p=131> e <http://colunas.epoca.globo.com/mulher7por7/2009/05/28/publicidade-ofensiva/>

Segundo um estudo⁴⁹ realizado por Dalila Cerejo⁵⁰, a "comunidade do graffiti" contesta os valores vigentes, recusa "o conformismo, a regulação e as restrições sociais". Para pintar e para se afirmar, o pintor de graffiti arrisca-se fisicamente, trabalha em locais de acesso

⁴⁹ "Risco e identidade de género no universo do graffiti" publicado pela SociNova

⁵⁰ investigadora do Gabinete de Investigação em Sociologia Aplicada da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (SociNova).

quase impossível, em linhas de comboios, túneis do metro, paredes altas... e sujeita-se a ser apanhado pela polícia, porque o que faz é, muitas vezes, ilegal. E, no entanto, este grupo que rompe com "o socialmente aprovado" acaba por reproduzir "os estereótipos de género mais comuns na sociedade". De tal forma que a afirmação da mulher no meio "parece ser uma "missão quase impossível"".

"grupos cuja prática de risco pretende ser de ruptura em relação ao contexto social envolvente os modelos seguidos em relação ao que é próprio para homens e mulheres ainda continuam a reproduzir os estereótipos de género tradicionais"⁵¹ Miguel Lisboa, 2007

A socióloga tomou como metodologia entrevistas a *writers* e estudou a literatura sobre o tema analisando uma comunidade cujas "práticas e princípios são socialmente entendidos como marginais".

A socióloga no seu estudo nota que a aceitação da presença da mulher no universo do graffiti só é possível se ela assimilar "valores e atributos tipicamente masculinos". "Não parece existir espaço de manobra para a mulher *writer* construir, dentro do graffiti, um percurso diferente ou mesmo paralelo àquele que o homem *writer* criou e hoje recria", diz. Mais: a mulher que queira ser reconhecida deve masculinizar-se. Isto significa vestir de forma diferente, estar disposta a usar o seu corpo "como uma arma", seja para fugir da polícia ou de um vigilante, seja "para saltar muros ou arriscar algum tipo de lesão". O maior sinal "da sua aceitação no meio será, porventura, o ser tratada como "um dos rapazes"". Ainda assim, conclui, "não é certa a sua aceitação e reconhecimento.

No entanto, durante a incursão etnográfica realizada neste projecto e da qual falaremos mais à frente em pormenor, esta discriminação e necessidade de masculinização não se verificou tão presente como tempos atrás nos anos 70 e 80. Podemos considerar que se deve ao facto de as mulheres entrevistadas e estudadas se incluírem na *Street Art* onde o ambiente social se altera e por se desenvolver em meios artísticos e na maioria dos casos em intervenções com origem num convite de uma galeria, festival, ou produto.

“Os espaços não são tão masculinos assim, acho é que a mulher desde há muito tempo é considerada mais frágil que o homem.. graffiti implica rebeldia, acesso a espaços perigosos e de difícil acesso, muitas vezes fugir da polícia.

Mas acho que nos tempos de hoje as mulheres estão a começar a ganhar mais credibilidade dentro da arte urbana e a ganhar o respeito merecido.” Tâmara Alves, 14 de Julho de 2011

Assim, cada graffiter distingue-se pelo seu estilo próprio, isso é o que as distingue dos demais e as torna artistas independentemente do género. Existem graffiters que pintam na maioria *letring* e *bombings*, como é o caso da Bubland (Sandra Oliveira, Porto), outras

⁵¹ Miguel Lisboa, a propósito do estudo realizado por Dalila Cerejo, numa entrevista a Andrei Sanches para o jornal Público

pintam personagens nas quais põem as suas próprias características e com traços muito femininos, no caso das peças da Rafi Azadi (Teresa Rafael, Porto).



Fig 44 e 45 à esquerda trabalho de Bubland, Lisboa; à direita trabalho de Rafi, Porto 2010

Como já foi referido anteriormente o graffiti vive aos olhos da sociedade sob a máxima de que um ambiente de homens, mas hoje, é possível observar um número mais expressivo de imagens que corroborem uma discussão de género dentro do graffiti. Um graffiti de mulher, pode representar bonecas, normalmente inspiradas em graffiteurs como a francesa Miss Van. No entanto, a sua forma e estrutura, independente da qualidade e do estilo, ainda não parecem suficientes para marcar uma linguagem identificativa do género, ou porque continuam camufladas nos formatos tradicionais masculinos do graffiti, ou porque pouco se interessam por essas questões. Se de fato a mulher ainda não trabalhou com o problema de género no graffiti pode ser porque até agora o seu nome e a sua condição feminina poucas vezes lhe serviram como inspiração dentro do graffiti, tornando a autoria feminina fato ainda extraordinário no graffiti.

Quando observamos graffiti vemos em muitos casos um sistema simbólico manifesto, político e social, criado por grupos jovens. No nosso caso específico, quando investigamos o graffiti de género, procuramos o registo de singularidades femininas dentro da prática. Mas se as obras ainda são realizadas sob as pautas e os modelos de representação do graffiti como cultura tendencialmente masculina, as graffiteurs continuam “na sombra”, tendo dificuldade em singularizar a sua produção. O feminino é facilmente conotado a símbolos gráficos como corações, bonequinhas e flores, exemplos corriqueiros e com conotações infantis, impostos pela cultura tradicional dos homens como representantes máximos do universo feminino.

O produto do graffiti de mulheres, ainda não apresenta em si aspectos que o distingam antagonicamente do produzido por homens. Não sendo uma novidade, é assim pouco valorizado, o que dificultava o desenvolvimento de um estilo mais singularizado e de uma linha que distinga o graffiti do género feminino. Nesse caso, a partir de agora, pode-se

estabelecer discrepância entre um graffiti realizado por mulheres e um graffiti de género, que teria sua origem condicionada pelo menos na diferença e na singularidade usadas como poética de criação.

Algumas práticas artísticas, como das gerilla girls, são directamente relacionadas com o feminismo e activismo de género, que usam a autorreferência como recurso poético para a pesquisa de uma arte que trate da posição sociopolítica e cultural das mulheres. A autorreferência, contudo, apesar de importante, não basta para qualificar uma obra em seus aspectos femininos extra formais – falar da mulher ou pintar a mulher e a sua condição não fará com que uma obra seja de género e muito menos singular. Muitos homens, aliás, já o fizeram, assim como muitas mulheres, sem que sua arte apresente necessariamente um apelo poético.

Para além disso, em certos casos o próprio nome não ajuda. É frequente, as peças de uma graffiter feminina serem confundidas com peças feitas por um graffiter do sexo masculino, pois a sua assinatura induz ao erro do género do graffiter. Swoon poderia ser um graffiter e Kusca uma graffiter.

O graffiti no feminino pode não ser feito necessariamente por uma graffiter. Aspectos femininos podem estar presentes numa peça de um graffiter do sexo masculino e vice-versa. Se formos a comparar os dois modelos do Citroen DS3 (figura 20) pintados por ParizOne e Vanessa Teodoro, verificamos que o trabalho de Paris apresenta cores fortes como o rosa para representar um tema abstracto. Já o trabalho de Vanessa Teodoro apresenta características mais masculinizadas, com formas contrastantes e com tons muito escuros.

“ I would like to say to all the girls doing graffiti or street art in the world that the most important thing is to do what truly express you” (Miss kk, Girl power movie)⁵²

Embora as mulheres ainda ocupem um papel secundário no graffiti, elas despertam cada vez mais interesse como objecto de pesquisa em meios artísticos e socioculturais. Os espaços de graffiti nos quais estas mulheres estão envolvidas localizam-se sobretudo na periferia e no centro das grandes cidades, eventualmente, até fora do território português, mais propriamente em países europeus (exemplo de Filipa Azevedo, Leonor Morais e Vanessa Teodoro).

⁵² retirado do genérico de Girl Power movie trailer disponível em:
http://www.streetartportugal.com/index.php?option=com_content&view=article&id=32:girl-power&catid=11:pintura consultado a 01.03.11 às 11:57

IV - Metodologia

4.1 Processo de investigação

Para o estudo da presente questão foi assumida uma metodologia etnográfica, pretende-se para além de uma pesquisa teórica, uma pesquisa de campo e de integração na área de estudo que lhe seja complementar.

Isto deve-se ao facto de que inicialmente um estudo separado da teoria e da prática não se mostrar satisfatório, sendo que um complementa e apoia o outro: a investigação teórica permite avançar de forma mais firme e segura no terreno, e a informação obtida com a experiência directa permite analisar a informação teórica com outros pontos de vista e com conhecimento de causa.

A pesquisa literária sobre o tema foi realizada em livros, revistas, filmes, música e internet, na qual a rede social *facebook* permitiu aglutinar e divulgar informação bem como obter feedback por parte de graffiters e outras pessoas em relação aos conteúdos da investigação em curso. Afinal se é recolhida informação, é dever depois retribuir. Esta rede funciona também como um calendário de organização de dados. Mas o mais importante foi a possibilidade de recolher contactos, novas referências e links sobre o tema.

Ao longo de toda a investigação foram também captadas imagens e vídeos, daí a necessidade de uma ferramenta de registo. Além disso, estas imagens narrarão e justificarão por si só o desenvolvimento do exercício. Para facilitar o trabalho e por questões de organização foi criado um dossier imagético e um diário de bolso chamado de *blackbook*. Este é nome que o writer dá ao seu caderno de esboços. Normalmente funciona como um diário pois é utilizado com bastante frequência e para além de desenhos pode conter apontamentos, qualquer objecto possível de colar ou até mesmo um pequeno pormenor do qual mais tarde o graffiter pode vir a desenvolver uma peça.

Assim foram agregados contactos de pessoas integradas na área bem como outros que possam ter uma influência, mesmo que indirecta na investigação. Aqui tirou-se partido de já existir dois contactos feitos inicialmente por mail e depois pessoalmente, com Miguel Januário e com Pedro Guerreiro. Ambos encontram-se activos na área e elaboram trabalhos distintos mas que seguem os mesmos conceitos base do graffiti como inspiração.

Estes contactos foram fornecidos pelos docentes Heitor Alvelos, e pelo docente Adriano Rangel no decorrer de projectos já realizado no primeiro ano do MDI⁵³, onde teve início a recolha de contactos.

⁵³ Mestrado de Design da imagem 09.11

Na conversa com Miguel Januário⁵⁴ foi possível ter uma noção mais alargada da cultura do graffiti: a sua origem, o seu léxico⁵⁵, do seus espaços de actuação e das suas variantes artísticas. Como já se havia planeado, esta entrevista teve um teor informal, e as questões preparadas com antecedência não foram expostas na sua totalidade, só aquelas que pareceram mais apropriadas permitindo que a conversa se fosse desenrolando naturalmente.

Como meios de suporte para a entrevista foram utilizados um mapa da cidade do Porto e algumas das fotografias recolhidas em trabalho de campo. Estes meios foram importantes, pois através delas, Miguel Januário foi exemplificando os tipos de graffiti e indicando as *crews* e os seus focos de actuação.

Pode-se perceber que a concentração de marcas de graffiti depende do seu tipo, por exemplo os *tags* estão por todo lado, em caixotes do lixo, paredes, becos, montras, quiosques...já os *bombings* encontram-se sobretudo paredes ou superfícies maiores e em zonas comerciais. Quando passamos pelas ruas de dia, muita coisa nos escapa. Mas, a partir das 19 horas, quando o comércio fecha, os *tags* e *bombings* desenhados nos estores dos estabelecimentos comerciais inundam a cidade, as ruas do Porto ganham outras cores e padrões.

Como Miguel Januário informou, estes graffiti, que encontramos no centro do Porto representam o graffiti real “puro e duro”. No entanto, o apuramento de ideias, expressões e técnicas leva a novas representações mais compostas e complexas, os graffiti aumentam e exigem mais espaço.

Estes graffiti localizam-se em *spots* na periferia da cidade, principalmente junto a vias rápidas, nos taipais das auto-estradas, nas estações e linhas de metro ou comboio, paredes de cemitérios, e edifícios abandonados como fábricas e armazéns, porque são locais com espaços amplos, onde pouca gente tem acesso mas com boa visibilidade. Aqui o graffiti ganha novas designações: Graffiti Artístico, *street art* e Neo-graffiti.

A propósito de um segundo exercício, foi abordado o designer e *writer* Pedro Guerreiro, o qual elaborou a sua dissertação de Mestrado em torno de questões da *street art* e do *stencil* desenvolvendo actualmente novas técnicas e imagens críticas.

O primeiro contacto foi feito através de mail. Ao longo deste diálogo, Pedro Guerreiro indicou referências e falou do seu trabalho, apresentou os links⁵⁶ para entrevistas que realizou a graffitiers do Porto e de Lisboa, que falam do trabalho de cada um, da razão de utilizarem o *stencil* como técnica, do valor e da finalidade cada vez mais comercial do graffiti, do mito e desconfiança em torno destas expressões e dos problemas com a invasão do espaço territorial visual e a lei.

Todo o contacto foi sempre feito na primeira pessoa e via e-mail⁵⁷. Foi marcada então uma entrevista, com teor mais informal. O contacto pessoal ficou marcado para 4 de Julho de

⁵⁴ aluno da Fbaup, onde surgiu o projecto ± em 2005 ver capítulo II

⁵⁵ O léxico específico do graffiti é uma herança da língua e cultura anglo-saxónica, com especial influência da Cultura Norte-americana. Ver Glossário.

⁵⁶ <http://stencilarte.blogspot.com/>

⁵⁷ Método utilizado nas restantes entrevistas realizadas

2010, um domingo, em Viana do Castelo por volta das 15h00.
Como anteriormente determinado foi uma conversa informal e por isso as questões preparadas anteriormente⁵⁸ foram adaptadas conforme o ritmo da conversa.



Fig 46 e 47 Primeiro contacto da autora com as técnicas do Graffiti no espaço público, num trabalho realizado no âmbito da disciplina de Metodologia do projecto do Mestrado de Design da Imagem. Porto Junho de 2010

Para além do estudo etnográfico foi importante desenvolver em simultâneo pesquisa académica, não só referente ao estado da Arte mas também a outros estudos não tão específicos do contexto artístico e do design, como estudos de antropologia e jornalismo. No jornalismo contou-se com o apoio de Ana Lúcia Azevedo que forneceu boas indicações relacionadas com as entrevista e métodos de abordagem ao entrevistado.

Após contactar as pessoas inicialmente por e-mail e ou *facebook*, foi possível um contacto directo com algumas das graffiteres, tornando possível gravar entrevistas em espaços escolhidos por elas, dando inicio a um trabalho de campo mais presente, permitindo maior contacto e intervenção na primeira pessoa com o espaço e com os seus intervenientes.

A técnica de entrevista é empregue para manter conversações com o público alvo sobre um leque de tópicos que possibilitem chegar a elementos construtivos das identidades dos interlocutores. Usa-se a técnica de entrevistas semi-estruturadas, pois elas

⁵⁸ Ver questões em anexo

possibilitam maior interacção com as graffiters e maior liberdade de intervenção, pela investigadora no momento da entrevista.

Para analisar a formação de identidade social destas mulheres que fazem graffiti em Portugal, busca-se analisar a variedade dos discursos e os seus emissores, por forma a construir um objecto de estudo. Os dados desta pesquisa constituem-se sobre tudo em fontes orais. Estes relatos das entrevistadas foram gravados em MP4, vídeo e por e-mail, passados para a forma de texto escrito, via transcrição.

O universo de análise foi composto por seis entrevistas realizadas em locais escolhidos pelas artistas. A selecção das entrevistadas teve início em Novembro de 2010 e a obtenção de contactos sucedeu-se através não de um mas de vários efeitos de *snowball*. Os prazos a cumprir para a execução desta pesquisa, não permitiram infelizmente, abordar todas as pessoas e dimensões desejáveis.

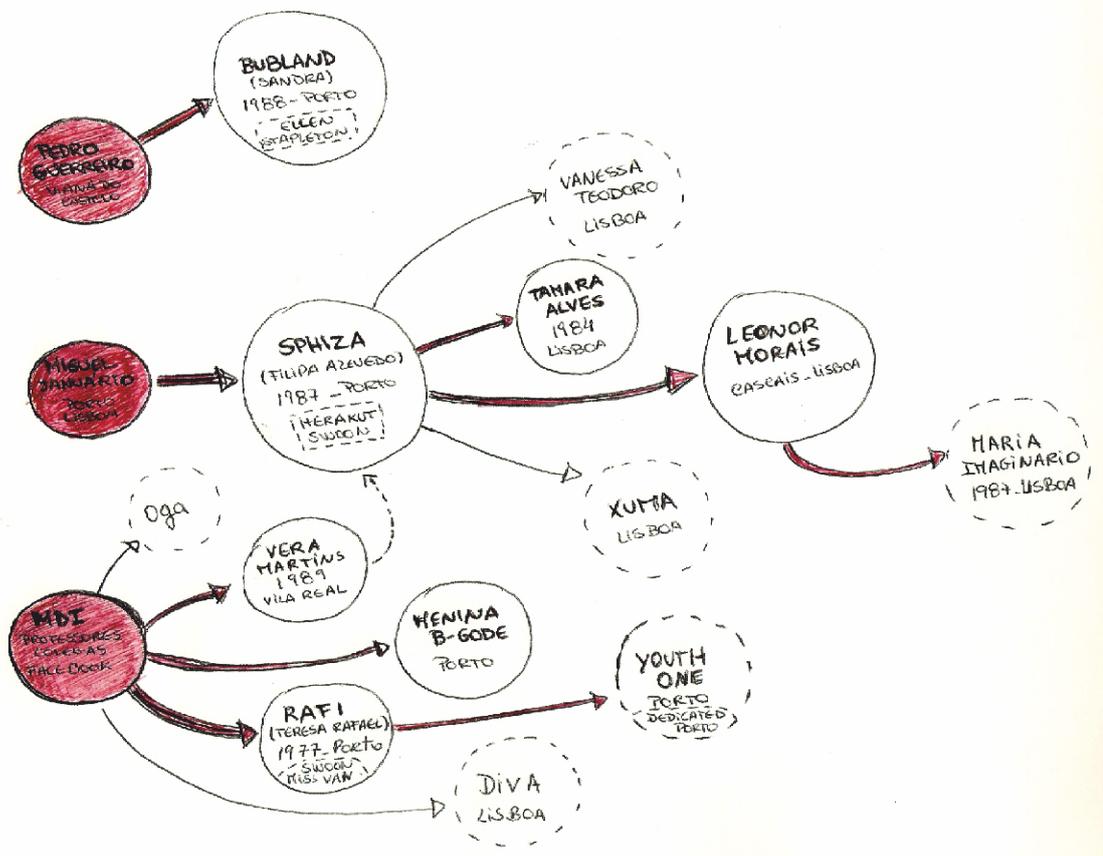


Fig 48 Esquema efeito snowball, rede de graffiters contactados

Desta forma foi estabelecida uma rede de relações com as graffiters:

Através de Miguel Januário obteve-se o contacto de Sphiza (Filipa, 23). É do Porto faz graffiti desde 2005. Pinta na maioria grandes murais, rostos com traços fortes e marcados, expressivos e poéticos. Ultimamente tem explorado o ramo da gravura nas paredes, seguindo o conceito de não utilizar tinta para não poluir e por questões legais.

Inspira-se na convivência e histórias de vida individuais no espaço colectivo das cidades. O seu trabalho destaca-se pela originalidade com que desenvolve uma linguagem manifestamente figurativa: retratos, pessoas, figuras e personagens, ganham vida através de uma composição volumétrica cuidada, construída por camadas de cor, *layers* contrastantes que dão nova vida às paredes que habitam.

“ Dou muito espaço ao erro e ao espontâneo no meu trabalho (...) mas sou bastante metódica a analista na maneira como desconstruo e reconstruo uma figura(...) Acho curioso o que resulta da vivencia em comum (...) o que importa é contribuir positivamente para o espaço comum. A cor e a pintura no espaço urbano podem e devem assumir essa função” Sphiza, 1 de Março de 2011, Porto

Frequenta actualmente o Mestrado de pintura na Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto. Já pintou e expôs em inúmeros espaços, festivais e performances artísticas de rua tanto em Portugal como em outros países Europeu. É frequente pintar com rapazes, sobretudo com Caos e Dheo.

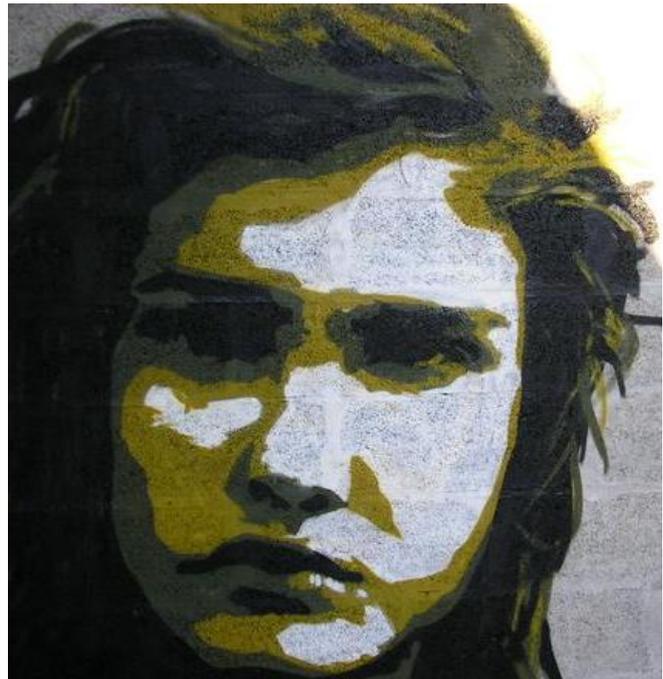


Fig 49 e 50 à esquerda icone de Sphiza no Underdog 2010 , à direita peça “auto retrato” de Sphiza.

Na entrevista com Sphiza , esta indicou o contacto de Tâmara Alves de 27 anos e residente em Lisboa.

No seu dia a dia, Tâmara trabalha para uma Associação Juvenil e o resto do tempo ocupa com o seu trabalho na área artística. Licenciada em Artes Plásticas nas Caldas da Rainha

e mestre⁵⁹ em Práticas Artísticas Contemporâneas nas Belas Artes do Porto. Não se considera uma graffiter, mas sim uma artista urbana ou inspirada no meio urbano, já pintou na rua e pretende continuar a pintar, mas não pertence a nenhuma *crew*. Tem sim, amigos que partilham da mesma vontade e dessa forma partilham segundo ela “a aventura”.

Utiliza assim suportes com características multifacetadas e interessa-se por uma arte “contextual”, que se insere no mundo, abandonando lugares comuns como museus ou galerias, para apresentar as suas obras na rua ou em espaços públicos. Com notórias alusões à arte do graffiti, o seu trabalho desconstrói os signos, retirando o significado e abrindo possibilidades de impacto estético e social.

“Desde nova que o graffiti sempre me foi muito aliciante, pela rebeldia, pelo desafio, pela estética.. O graffiti é uma arte urbana e existia essencialmente em cidades , como cresci numa aldeia, a primeira dificuldade foi aproximar-me do meio..” Tâmara Alves, 14 de Julho de 2011

De forma simples e directa, caracteriza o graffiter como: “alguém que expõe o seu trabalho artístico nas ruas e não só, associado à técnica do spray e à cultura do hip hop”. Quanto ao seu trabalho diz : “Gosto de pensar que há sempre uma mensagem a passar, gosto que o meu trabalho cresça nas ruas e faça parte dele, gosto de realçar o facto de que somos todos animais e estamos constantemente a esquecermo-nos disso..As técnicas são variadas, desde colagem, a pintura, spray, a melhor técnica para reflectir a mensagem que quero passar.” E no que diz respeito ao suporte: “Depende do trabalho que faço, mas a estética que mais gosto é quanto mais velho e degradado melhor...”



Fig 51 e 52 à esquerda graffiti de Tâmara, à direita peça *starving hysterical naked @ plano b*, janeiro 2010 disponível em:<http://nuvemvoadora.blogspot.com/2009/05/graffiti-stencil-tamara-alves.html>

⁵⁹ a sua tese final foi sobre Activismo Plástico e Contexto Urbano

Mais tarde, por indicação de Pedro Guerreiro recorreu-se a Bubbland (Sandra 1988), que vive em Vila Nova de Gaia, Porto. Faz graffiti desde os 16 anos de idade. É formada em design de comunicação e vitrinismo e visual merchandises. Das graffiters contactadas é a que se aproxima mais da vertente do graffiti clássico (Writing). Pinta letras com formas que se assemelham a bolhas e nuvens, criando textos volumétricos parecido com uma ilha que paira nas paredes.



Figs 53 e 54 Trabalhos de Bubbland



Fig 55 Trabalho de Bubbland "Graff City"

Leonor Morais vive na Trafaria, Costa da Caparica em Lisboa e passa os seus dias num atelier rodeado pelo mar, uma vila acolhedoramente pacata e as falésias. Formada em Artes Plásticas na Faculdade de Belas Artes de Lisboa. Foi despertada para a arte depois de uma viagem à China. Ficou profundamente marcada por Macau, todo à sua volta a inspirava a desenhar e afinava a sua criatividade.

“Senti-me verdadeiramente em casa, esta viagem permitiu-me uma grande abertura, isto já vem da minha mãe, também ligada á arte, faz restauro, e sempre incutiu a mim e ao meu irmão a importância dos detalhes e da beleza natural. A importância de olhar com olhos de ver!”⁶⁰

Leonor Morais, Agosto 2011, Lisboa

O seu primeiro contacto com graffiti surgiu de um convite do amigo Paulo Arraiano para pintar com ele e uma série de outros nomes conhecidos⁶¹ do mundo do graffiti para o Optimus Live Tour.

“(...)eu na altura disse que não. Fazia-me confusão estar a desenhar com pessoas a olhar para mim, não tinha sequer experiência nos grandes formatos. Para mim o desenho e a pintura, a sua produção pelo menos, era uma extremamente íntima e ter alguém como espectador não fazia sentido. Entretanto, nesse mesmo projecto surgiu a vontade de fazer *body painting*, perguntaram-me se estava interessada e eu aceitei. Foi aí que os conheci a todos. Depois as coisas sucederam-se naturalmente e fui perdendo um bocadinho o medo dos “espectadores”, estando em grupo é mais simples. Acabei por ir com eles⁶² numa viagem a Manchester ao EuroCulture e foi aí que eu realmente comecei a me libertar mais, a conseguir ampliar a escala. (...) Em Manchester enquanto pintavam com latas, eu andava com um pincel e Paulo Arraiano com um marcador! Foi muito interessante o trabalho em grupo apesar dos diferentes estilos, havia muita união. Gostaram muito do trabalho dos Portugueses...Nesse ano deram-nos a Porta do Átrio, uma discoteca muito conhecida lá, a nossa intervenção teve um suporte com bastante visibilidade e permaneceria lá ao longo de um ano. Desde então surgem outros projectos onde nos encontramos.”⁶³ Leonor Morais, Agosto 2011, Lisboa

Como é o caso do Pampero Public Art 2010 em parceria com a GAU-Galeria de Arte Urbana, em que interveio nos espaços urbanos em Lisboa, na praça Saldanha. Para além desta intervenção havia também o “Mural Lisboa” em St^a Apolónia pintado por Vanessa Teodoro, Tâmará Alves e Smile.

⁶⁰ entrevista realizada pessoalmente

⁶¹ Mar, Dheo, Ram, Vhils, Klet

⁶² Leonor participou no Euro Cultural Street Festival 2008 com Sphiza, Dheo, Ram, Vhils, Klet, Paulo Arraiano.

⁶³ entrevista realizada pessoalmente

No Porto estava destinado um mural na baixa do Porto na praça D.Filipa de Lencastre, no entanto devido a problemas burocráticos, não chegou a ser realizado. Os seus autores seriam Sphiza e Dheo.



Fig 56 Projecto Vertigo Pamperos's Public Art Project, Largo do Saldanha . Lisboa, Portugal Dezembro 2010. Disponível em: <http://www.dontpaniconline.com.pt/magazine/vertigo-mais-um-prdio-personalizado-em-lisboa>

Através de MDI de contactos fornecidos por professores e colegas de investigação, foram conhecidos nomes como:

As meninas do Bigode (Ana Guimarães e Helena Reis), Porto (Almada), que trabalham com jóias mas é muito usual utilizarem graffiti, nomeadamente o *stiker* e *stencil* de um bigode para divulgarem a sua marca.

Vera Martins, nasceu em 1989 (22 anos). É de Vila Real, mas passa mais tempo no Porto onde actualmente estuda na Faculdade de Belas Artes a frequentar o segundo ano do Mestrado de Design da Imagem. Iniciou-se no graffiti aos 15 anos pela mão de colegas de turma, amigos e namorado que formam a crew DAM. Pinta cartoons e gosta de criar personagens novas, utilizando cores fortes como o verde, azul e amarelo. De momento encontra-se a realizar investigação relativa à street art e indicou como referencia a Sphiza e Miss Van.



Fig 57 “Agora já sou Arte!”, Vera Martins, Vila Real 2011

Através da internet, nomeadamente de contactos de facebook deu-se o primeiro contacto com Rafi Azadi (Teresa Rafael). Nasceu no Porto em 1977 (32 anos) e tem um atelier na rua da Cedofeita que partilha com o seu companheiro Youth One, um dos impulsionadores do Graffiti em Portugal , membro do grupo “Mundo Complexo”, com o qual pinta na maioria das vezes e com quem abriu a loja Dedicated Porto em Dezembro de 2011.

Multiplica-se em várias actividades: pinta , dança e canta⁶⁴. É formada em Arquitectura e estudou balé clássico durante dezasseis anos. Muito feminina, identifica-se bastante não só com Arte, mas também com a filosofia por detrás da pintura do graffiti e todo o seu conceito. A sua temática apresenta um universo muito visual, personagens esbeltas, com posturas e roupas estilizadas e coloridas. Interessa-se pelas roupas, sapatos e penteados no sentido de haver muito conhecimento acumulado por detrás da confecção destes . Integra nos seus desenhos o fascínio pela beleza da natureza e dos animais, mas não toma posições activistas e políticas. As suas principais influências são Herakut, Swoon, Miss Van e Youth One.

⁶⁴ Ver musica “Amas-me”, que apresenta a perspectiva de um Graffiti que fala com o seu *writer*



Fig 58, 59 Rafi e Youth One, 2010

Para além das graffitis contactadas, teve-se a acesso a informação de outras graffitis através de entrevistas e páginas sobre elas disponíveis na internet. Mulheres que ainda se pretende contactar pessoalmente: Maria Imaginária, Vanessa Teodoro⁶⁵ (Lisboa) , Xuma , Diva , Oga e Meninas do Bigode.

Maria, tem 24 anos e vive em Lisboa. Também conhecida como Maria Imaginário, é a responsável pelos gelados que invadiram as paredes abandonadas/degradadas de Lisboa entre 2005 e 2009. Os gelados, pintados em zonas centrais da cidade normalmente não invadidas pelo graffiti, fizeram parte do seu primeiro projecto a que decidiu dar o nome de *Delicious*. Pinta gelados, bolos, doces, porque queria pintar algo muito colorido e com isso pretendia dar mais vida às ruas e edifícios abandonados. Adora Lisboa e fica fascinada sempre que descubro um canto novo. Normalmente pinta de dia sem qualquer problema.

Sempre que posso pinto de dia. E com o ar mais natural do mundo. De dia as pessoas olham, acham estranho e não fazem nada, ficam meio chocadas, acho eu. Outras estão cheias de pressa e ignoram-me. As que metem conversa são sempre simpáticas. Acho que ser rapariga ajuda. De noite, o cenário muda completamente, torna-se o oposto.⁶⁶ Maria Imaginário, 2010

Os seus trabalhos não passam somente pelas intervenções urbanas. Ilustradora de formação, Maria já editou três livros com as suas ilustrações, fez uma exposição individual e várias exposições colectivas internacionais.

⁶⁵ Ver figuras 20, 21 e 22

⁶⁶ Entrevista para a entrevista para time out lisboa em anexo

Neste momento, para além de estar a desenvolver uma galeria virtual que visa representar artistas com estéticas e obras específicas da *street art*, pode ser encontrada a terminar a preparação da sua próxima exposição individual.



Fig 60 Trabalho de Maria Imaginário, 2010, Lisboa

Fonte: http://www.flickr.com/photos/maria_imaginario/sets/72157600016510336/

Ao analisar cada perfil destas mulheres, constata-se que foram motivadas a entrar no graffiti por intermédio de graffiteurs homens, com os quais mantinham uma relação seja ela de amizade ou afectiva. Na maioria dos casos estes homens que influenciaram o seu começo nesta prática, geralmente desenham junto com elas. Como evidenciam os relatos abaixo:

“E comecei a fazer p’áí há cinco ou seis anos, em 2005 se não me engano. Ya, 2005. Comecei a pintar na rua. Também porque os meus amigos na altura pintavam todos.”⁶⁷ Maria Imaginário, 11 de Agosto de 2010

“comecei a fazer graffiti quando entrei para a *crew*, a DAM, tinha 15 anos (...) se não conhecesse ninguém nunca tinha entrado para a *crew*, eram meus colegas de turma, um era meu namorado e outro era meu colega de já há imenso tempo. Até hoje sou a única rapariga na nossa *crew*.” Vera, 28 de Abril de 2011

⁶⁷ Ver entrevista em anexo

“A minha aproximação ao graffiti, surgiu através do meu namorado, que pertence à vanguarda do graffiti em Portugal, é o Youth One. E quando ele ia pintar, eu acompanhava (...) naturalmente surgiu a vontade de estar a ver pintar e também pegar na lata e experimentar.” Rafi, 23 de Maio de 2011

Na sua maioria estas mulheres são formadas, possuem estudos superiores, todas as entrevistas e os casos dos quais se teve conhecimento ⁶⁸ possuem pelo menos uma licenciatura.

É possível observar que as graffiters estando inseridas no sistema de ensino têm uma rede de relações sociais ampliada e conseguem ocupar um campo consolidado por instituições que promovem actividades de graffiti como, por exemplo, as já referidas Underdogs e a Vsp⁶⁹ bem como as galerias⁷⁰ que se dedicam a esta prática. É possível destacar algumas considerações. As graffiters revelaram que desenham desde criança e mostram sensibilidade para diferentes manifestações artísticas; isso é uma regularidade nos conteúdos das suas falas. Como podemos verificar nos testemunhos de Rafi e no de Leonor⁷¹ acima a citado.

Observa-se que elas utilizam oficinas, ateliers, ou os cursos universitários para aprimorar as técnicas, pois desenhar no muro é muito diferente de fazer os traços no papel. Mas o acto de desenhar, elas já têm, é recorrente nas suas vidas:

“(...) aliás eu sempre desenhei, e o desenho faz parte da minha vida desde que comecei a pegar em coisas (...) o que eu noto, da minha experiência, é que pronto...uma coisa é desenharmos no papel ou numa tela, já passando para suportes na vertical o grau de dificuldade aumenta, mas complica muito mais numa parede, onde a escala é maior” Rafi, 23 de Maio de 2011

“Eu comecei a pintar em Setembro e eu entrei prá ar.co em Outubro. Eu já tinha a ideia e o projecto de pintar na rua antes das aulas. Mas acho que depois acabou por definir um pouco mais aquilo que eu queria. Porque eu quando comecei a pintar, eu sabia que queria pintar coisas coloridas e doces e... Mas eu ainda não tinha as coisas tão definidas. Se calhar ao início pintava na linha de comboio e em sítios assim mais óbvios de graffiti, depois com o tempo fui começando a não querer ir com os meus amigos pintar, porque eles queriam ir pintar p’ás chapas ou... E eu queria pintar mesmo no meio de Lisboa, sobretudo os sítios onde não havia graffiti tipo em Arroios, nos Anjos, no Castelo. E comecei a ter mais cuidado com o

⁶⁸ até a data de finalização deste documento

⁶⁹ Ver capítulo II

⁷⁰ Uma das galerias mais referidas foi a Gau: Galeria de Arte Urbana , <http://gau-lisboa.blogspot.com/>

⁷¹ Ver página 32

que eu fazia. Eu ao princípio tinha mil desenhos diferentes, era sobremesas mas era... E depois comecei tipo a usar sempre as mesmas cores, para eu não ter que assinar o meu nome e para as pessoas identificarem logo. Fazer sempre o mesmo tipo de gelados. Acho que isso influenciou um bocado.” Maria Imaginário, 11 de Agosto de 2010

Nas entrevistas a que se teve acesso, pôde-se perceber que a maior parte das graffiters desenvolvem outras actividades, além do graffiti, já que depender exclusivamente do graffiti para sobreviver revela um futuro incerto. A maioria dessas actividades estão relacionadas com design e artes plásticas. É o caso das graffiters Sphiza e Leonor. Mas existem excepções. Rafi apesar de licenciada e mestre em arquitectura, e de gostar de exercer a profissão, admite que pretende viver só do graffiti.

“Há dois anos atrás quando fiz a minha tese de mestrado de arquitectura, escolhi como temática o graffiti e nesse processo todo de estar a estudar profundamente o universo do graffiti, a paixão foi sendo cada vez maior, ao ponto de eu realmente acabar a tese e identificar-me bastante não só com arte, mas também com a filosofia por detrás da pintura do graffiti e todo o seu conceito (...) Estou a tentar viver do graffiti, entre outras coisas, e a maior parte dos trabalhos que eu faço é em parceria com o youth, e são trabalhos mesmo, pintamos lojas, quartos de criança, restaurantes, bares, mesmo em eventos que as câmaras organizam ou eventos como os organizados pela casa da música.” Rafi, 23 de Maio de 2011

Além disso, a participação em eventos e trabalhos para marcas permite que elas possam utilizar as sobras de tintas destas actividades nos seus graffiti na hora que desejarem, já que uma lata de spray é cara⁷², e geralmente utilizam-se várias latas no mesmo trabalho. Este facto foi referido por Rafi e por Leonor.

As graffiters destacam ainda uma satisfação em perceber que os seus desenhos e peças estão mais desenvolvidos que os primeiros traços realizados inicialmente por elas, demonstram que com a prática de pintar em eventos de *street art* e de graffiti, de dar oficinas e ateliers, como é o caso de Leonor, os seus desenhos e técnicas evoluem. Segundo os testemunhos destas mulheres aprendem as técnicas do graffiti com a prática, tentativa e erro, e através das instruções dos seus companheiros masculinos.

“(..) chegas à parede e realmente o grau de dificuldade é outro (...) o pessoal todo que já tem mais *skills* e experiência apoiam imenso,

⁷² cada lata normalmente pode custar entre 2.50 a 5 euros

chegam mesmo ao pé de ti e dizem que estás a ir bem... e tu tens a perfeita noção que está uma grandessíssima porcaria e que é o princípio (...) agora quanto mais pinto mais evoluo, e sei que é isto que quero fazer, é uma coisa que é natural em mim” Rafi, 23 de Maio de 2011

A dimensão mutável do trabalho destas mulheres faz com que a sua identidade evolua e se torne meio para alcançar um objectivo, que pode ser de cunho profissional ou pessoal. Através de um bom desenho e de um estilo próprio elas conquistam espaços no âmbito do graffiti.

Estas mulheres enfrentam variáveis que se combinam no quotidiano das práticas da graffiti, por exemplo, aspectos económicos, políticos, organizacionais e simbólicos. Diferentes situações sociais envolvem os seus quotidianos além do ambiente do graffiti. Estas graffities ocupam diversas posições sociais de mulher, de graffiter, umas de professoras, de aluna, de trabalhadora, e no caso de Sphiza de mãe. Não é possível afirmar qual vem em primeiro lugar, se é que alguma prevalece em detrimento da outra, pois elas acumulam posturas em diferentes momentos ao longo de sua vida quotidiana.

Assim estas as mulheres que pintam nas ruas têm atitudes e padrões de comportamento moldados de acordo com as pessoas ao seu redor. Por exemplo, as graffities enquanto pintam um muro na companhia dos graffities sentem confiantes de estarem ali com um *spray* nas mãos, já no momento que vão ao a um evento que tem de encarar a sociedade em geral, sujas com tinta podem sentir vergonha dessas marcas. Como refere Vera Martins ao lembrar uma passagem do seu baile de finalistas:

“Tínhamos sido chamados para pintar numa associação e nesse dia era o baile de finalista do liceu...tivemos muito trabalho e por isso acabamos tarde, só deu tempo de chegar a casa tomar um banho, mudar de roupa e arrancar para o baile...o pior é que não estávamos prevenidos e nem acetona havia...que vergonha...nas fotografias aparecemos todos arrumadinhos, e eu apareço sempre com as mãos atrás das costas...estavam cheias de tinta” Vera Martins, 28 de Abril de 2011

V - Projecto: Perspectiva feminina

Este projecto representa um papel importante para responder à questão, pois permite falar como uma das intervenientes no ambiente do graffiti português, devido ao conhecimento empírico recolhido ao longo da investigação e das incursões etnográficas na observação do quotidiano das mulheres graffities e na criação de uma identidade própria por forma a experimentar e viver através dela as técnicas, os suportes, os limites e medos de uma graffities.

“ I think that people that who don’t write graffiti can’t really appreciate it. They don’t know, what is behind bombing or a piece” Funy Girls, Girls Power movie⁷³

5.1 Criação e desenvolvimento de uma linguagem e Identidade pessoal

O objectivo principal é intervir no espaço como participante activa utilizando uma temática com uma mensagem inteiramente ligada com o ser feminino, relacionando características comuns entre graffiti no feminino, os problemas que surgem a nível social e de técnicas e as características individuais da autora. Abrangendo questões relacionadas com a emancipação da mulher e a sua necessidade de se mostrar capaz de intervir e vingar em meios tradicionalmente masculinos.

Com a exploração desta sub cultura e da sua vertente *street art* deu-se um processo de descoberta e reconhecimento de materiais, técnicas e ambientes de intervenção. Recolhendo influências em trabalhos realizados por Sphiza, miss KK, Swoon e no documentário “Women are Heroes.”

Além disso a autora encontra-se na mesma facha etária das artistas entrevistadas e desta forma partilha com elas um contexto histórico e social. Ambas foram sujeitas a uma herança visual derivada da Revolução de Abril de 1974, á chegada da nova linguagem da publicidade capitalista, todas assistiram ao desenvolvimento rápido do meio urbano e a subjugação dos meios rurais. Factores que transformaram o panorama social e económico de Portugal e são a base de uma geração que anda á rasca⁷⁴.

A identidade pessoal, então, está relacionada com a pressuposição de que ele pode ser diferenciado de todos os outros e que, em torno desses meios de diferenciação, podem-se apegar e entrelaçar, como açúcar cristalizado, criando uma história contínua e única de fatos sociais que se torna, então, a substância pegajosa à qual vêm-se agregar outros fatos biográficos. O que é difícil de perceber é que a identidade pessoal pode desempenhar, e desempenha, um

⁷³ Girl Power movie trailer 2010, disponível em: http://www.streetartportugal.com/index.php?option=com_content&view=article&id=32:girl-power&catid=11:pintura consultado a 01.03.11 ás 11:57

⁷⁴ ver anexo “Manifesto Geração à rasca” disponível em: <http://www.ncoisas.com/manifestacao-geracao-rasca/>

papel estruturado, rotineiro e padronizado na organização social justamente devido à sua unicidade (GOFFMAN, 1988, p.67).

O que representar? Que personagem? Que conceito, que tema?



Fig 61 e 62 à esquerda Miss kk, 2009, à direita trabalho de Miss KK 2010
Fonte: <http://streetfiles.org/photos/detail/318870/>

Assim após um *brainstorming*, foi criada uma linguagem própria, de forma a intervir na primeira pessoa e que permita uma nova perspectiva e base para debate, captando a atenção do sexo feminino e da sociedade em geral para o tema.

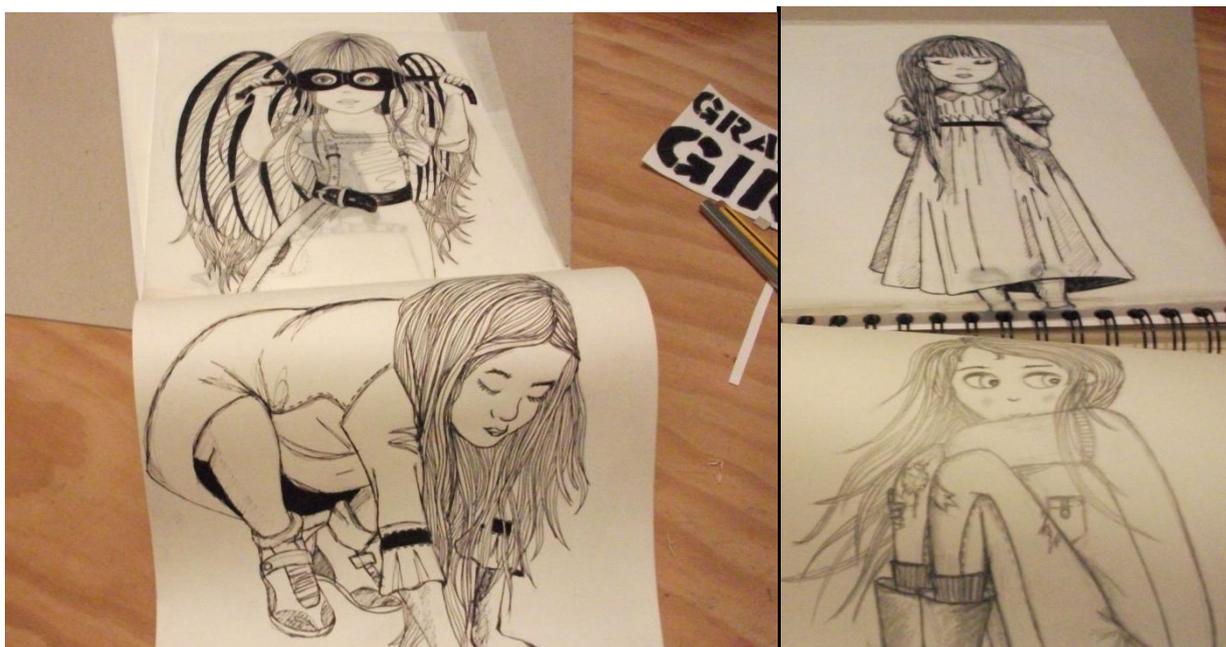




Fig 63, 64 e 65 estudos no blackbook, lápis e caneta, 2011

Assim pretende-se representar personagens femininas, combinando um imaginário das bonecas de papel, que se podiam colorir e trocar as roupas. Foram brincadeiras de infância antes dos jogos digitais, do computador e outros passatempos trazidos pelas novas tecnologias. A menina bonita, doce e delicada surge em situações e ambientes típicos do graffiti ligada a uma linguagem gráfica e traços próprios.



Fig 66 Boneca de papel Vintage Miss Alice, disponível em: paperdollview.com

Desta forma surge o nome Paper Graff Girl e o tag P2G



Fig 67 e 68 Tag P2G

5.2 Técnicas, ferramentas, meios de produção e suportes (os locais, possibilidades de intervenção)

Quando se pensou numa intervenção directa no espaço e o contacto na primeira pessoa com pessoas do meio, a primeira questão foi como fazê-lo, quais os passos necessários para obter resultados? O que é necessário para fazer um graffiti? Quais os materiais, técnicas, locais e temas mais apropriados?

É perceptível que este é um terreno complicado, fazer graffiti é arriscado, implica tempo e materiais. No entanto dentro da *street art* as coisas são diferentes, sobretudo devido à diversidade de estilos que abrange, bem como as aplicações e técnicas utilizadas. Um *stencil* ou um *sticker* tanto pode ser aplicado numa parede, como numa t-shirt e é bem mais rápido e fácil de realizar em relação ao graffiti, nem tão arriscado.

Mas o contacto directo com uma pessoa desta área específica é fundamental para obter informação e esclarecer dúvidas.

Na entrevista a Pedro Guerreiro⁷⁵, pelo testemunho da sua investigação e do trabalho compreende-se a enorme versatilidade do *stencil* e do *sticker* e da sua linguagem, bem como das técnicas derivadas: podemos pintar simplesmente com spray; fazer apenas contorno e preencher com texto e ilustrações com marcador permanente; gravar a própria superfície, raspar e colar elementos.

Estes meios técnicos permitem uma produção de imagens mais instantânea, na medida

⁷⁵ ver capítulo IV - Metodologia e questões em Apêndices

em que permite a criação da composição visual em casa e a sua aplicação posterior na rua é mais rápida, e por isso mais segura. As imagens produzidas podem ser reduzidas e impressas em papel autocolante ou desenhadas em papel de cenário, pois o grafismo de um *stencil* adapta-se facilmente ao de um *sticker*. No entanto, no caso dos autocolantes é também mais efémera, pois é removida com maior facilidade.

Um dos aspectos que mais motivou para a escolha destas técnicas é o facto de serem muito associadas e utilizadas como arte e design de guerrilha urbana⁷⁶, explorando as suas características próprias para promoção e exploração individual, social e comercial de comunicação e criação artística. Além do mais apresenta-se como sendo uma área fértil em conceitos e ideias, sobretudo em temas relacionados com a consciencialização social para um problema, num contexto onde a informação é divulgada na cidade directamente para qualquer pessoa, e à partida a um custo mais reduzido.

Surgiu a necessidade de fazer um levantamento dos locais onde seria passível de intervir. Em pleno Porto foram percorridas as seguintes zonas: Carmo, Batalha, S. Bento, Aliados, Clérigos, Ribeira e Cedofeita. Esta última foi a que mais se destacou pela riqueza das intervenções nela presentes que se englobam mais no conceito da *street art* ou o já referido (capítulo 2) Pós graffiti, um conceito recente, mas muito discutido e em aberto. As intervenções nesta zona passam sobretudo pela utilização de *sticker*, *stencil* e posters. O que abre várias possibilidades a nível de técnicas e suportes.

Em Vila Nova Famalicão, distrito de Braga, foram identificados pontos interessantes para intervenção: na zona circundante do estádio municipal, das escolas secundárias e piscinas, que são frequentados na sua maioria por um público jovem e aberto a este tipo de intervenções. Também existem outros pontos interessantes em edifícios devolutos⁷⁷ junto à linha do comboio. Em Santo Tirso distrito do Porto existem bons *spots*: a fábrica abandonada da Atima nas Caldas, uns edifícios inacabados ao chegar à cidade em Sequeirô, e em edifícios devolutos junto a antiga estação de comboios que agora se encontra desactivada.

A estratégia é fazer a intervenção o mais rápido possível em termos de segurança e voltar um pouco mais tarde aos locais para fazer um registo fotográfico como se de um turista se tratasse, isto no caso dos espaços públicos com mais afluência de pessoas.

⁷⁶ ver glossário

⁷⁷ Fábricas, prédios, muros



Fig 69 Materiais: cartão com *stencil*, cola papel parede e desenho em papel de cenário, 2011

5.3 Desenvolvimento e resultados finais

Numa primeira fase foram desenvolvidos esboços e feitos apontamentos, onde foram criadas personagens que apresentam personalidades femininas vincadas, cabelos longos e esvoaçantes num universo que alcança o fantástico.

Foram criadas com influências no “ser mulher” e tudo o que incluiu: a moda, as responsabilidades familiares e caseiras e a profissão. São utilizados o preto no branco, deixando sobressair o grafismo dos desenhos com detalhes numa cor forte, normalmente o vermelho ou o cor de rosa (figura 72 á 80).

Neste ponto surgiu o problema da ampliação escala que foi feita de forma gradual, sendo que as peças finais apresentam aproximadamente um metro e sessenta de altura. As personagens são desenhadas com spray, marcadores de tinta permanente e giz em papel de cenário, recortado e colado nas paredes com cola de papel de parede.

As personagens desenvolvidas apresentam uma dualidade da figura feminina – o poder e a fragilidade, relacionando características comuns entre o graffiti no feminino e as características individuais da autora.

Num imaginário encantado, por vezes obscuro e sombrio, reforçado pelo espaço onde as imagens são colocadas, no qual sublima a inocência e a beleza (figura 81 à 94).

Com inspiração na mulher como um ser complexo, na perspectiva de um ser forte pela natural intuição e sensibilidade. São figuras femininas, onde se destacam as formas, as silhuetas e as ondas dos cabelos esvoaçantes, a beleza e leveza do seu corpo. Estas transparecem questões relacionadas com a mulher e a sua necessidade de se mostrar

capaz de intervir e vingar em meios tradicionalmente masculinos. Estas personagens associam ainda a sua identidade a termos como o bem e o mal, a tristeza, a força, o medo ou qualquer símbolo poderoso do nosso imaginário, envolvido numa força aparentemente frágil e doce. São entidades, praticamente fantasmas, figuras encantadas, seres sem idade retratados na forma de uma menina de proporções distorcidas.



Fig 70 “Mãe”, papel de cenário, spray, marcador e giz, 1400 x 1500 mm. Santo Tirso 2011

As principais dificuldades sentidas neste fase do estudo foi a inexistência de uma identidade e background como graffiter e desconhecimento de técnicas e materiais que só se obtêm com a prática, a errar e repetir.

A inexistência de uma *crew*, acção a título individual, exceptuando as alturas de em que se juntam duas ou mais pessoas com o único objectivo de pintar mesmo não formando uma *crew* . Esta foi uma das dificuldades apontada nas entrevistas às graffiters.

A noção de que os espaços são públicos e que existem leis que penalizam as intervenções, mesmo que estas tenham uma ideologia artística, causa medo devido à possibilidade de uma denuncia.

No entanto, os espaços frequentados apesar de estarem em ruínas transmitiram segurança: o mais utilizado é a antiga fábrica da Átima, regularmente frequentada por graffiters que deixam as suas marcas, por Bombeiros que fazem treinos de socorro e agências de moda que procuram aquele tipo de ambientes. A deslocação neste espaço em particular é atribulada, existe muito entulho, fossos e vidros partidos, mas oferece também espaços amplos e luminosos.



Fig 71 Antiga fábrica Átima, Caldas da Saúde



Fig 72 e 73 Menina Cartola, Setembro 2011



Fig 74, 75, 76 esquerda e direita cima Menina Franja, Setembro 2011; direita baixo, tag, 2011



Fig 77 Retoques com marcador permanente, 2011



Fig 78 e 79 Oficina, Famalicão, Outubro 2011



Fig 80 Personagem e Tag, papel cenário e spray, 2011



Fig 81 Menina algodão doce, papel cenário, spray, marcador e giz, 2011



Fig 82 Sem nome, papel cenário, marcador, 2011



Fig 83, 84, 85 Desenho livre, papel cenário, marcador, *sticker* 750 x 680 mm, 2011



Fig 86 Anjo oculto, *sticker* 1600 x 810 mm, 2011



Fig 87 Anjo oculto, *marcador e spray sticker* 1600 x 810 mm, 2011



Fig 88 Anjo oculto, marcador e spray, *sticker* 1600 x 810 mm, 2011



Fig 89, 90 e 91 A tentação, marcador e spray, sticker 1650 x 750 mm, 2011



Fig 92, 93 “Florescer”, papel cenário, marcador e giz, *sticker* 950 x 1700 mm, 2011

VI – Conclusão

A dissertação aqui apresentada pretendeu, numa primeira fase, esclarecer os conceitos de graffiti e *street art*, ainda não totalmente estabelecidos no universo académico. Com esse intuito adoptou-se a designação de *graffiti* na sua vertente de *street art*, para referir de modo específico o tipo de graffiti que se tratar neste documento. Tendo em seguida contextualizado historicamente de uma forma breve e sucinta, o ambiente em que as artistas ligadas ao graffiti emergiram, desde quando se pensa ser o seu aparecimento, até aos dias de hoje tendo sempre em conta as mutações que o graffiti foi sofrendo: a de artistas, temáticas, técnicas e suportes.

No capítulo três inscreve-se a necessidade de debater o graffiti no feminino. Numa época em que surgem cada vez mais indivíduos a fazer graffiti sobretudo na sua vertente *street art* é pertinente acompanhar o contributo da intervenção feminina neste ambiente onde ganha cada vez mais presença. Aqui faz-se o conhecimento do trabalho de graffitters que vingaram e alteraram o contexto do graffiti, como Swoon.

Foi possível compreender nos capítulos IV e V que o trabalho de campo, permite um maior conhecimento de causa e de troca de ideias. Com este estudo, surgiram ideias passíveis de uma elaboração futura, e que já se encontram sustentadas pelo contexto das informações recolhidas ao longo da investigação. No trabalho de projecto foi feita uma incursão etnográfica, contribuindo com intervenções próprias, para a identidade feminina no contexto de produção da *street art* em Portugal.

Podemos concluir que a presença da mulher no graffiti em Portugal e a sua boa inclusão no meio, oferece a oportunidade para mudar o preconceito da sociedade em geral de que a mulher é muito frágil e dócil para fazer graffiti. Ao pintarem nos espaços urbanos, estas artistas estão no direito de reclamar espaço dentro da cidade bem como outros ambientes, sejam eles directamente relacionados com o graffiti ou não.

Quando estas mulheres pintam, seja na cidade ou periferia, elas colocam a sua identidade no topo da estética masculina presente nas paredes e becos deste espaços, reclamando fisicamente o espaço para elas próprias.

O graffiti não oferece apenas ao homem a oportunidade de construir e desenvolver os seus conceitos, técnicas e identidades. Ele oferece também as mulheres, que resistem às pressões a mesma oportunidade de construir e desenvolver identidades femininas fortes, que são capazes de se levantar e reagirem contra a sociedade patriarcal e lutar pelo direito de ambos os espaços o político e o social. O graffiti é um microcosmo da sociedade, mas reflecte as ideias e os ideais presentes numa vasta cultura.

Tal como aos homens o graffiti oferece as mulheres a oportunidade enfrentar a sociedade de normas e criar novas identidades capazes de desafiar novos padrões.

Mesmo não estando a pintar, o graffiti influencia a vida destas mulheres. São activas e opõem-se a uma sociedade que as subestime e descrimine. Com esta posição os contributos femininos para o graffiti e *street art* de Portugal estão cada vez mais presentes nos meios urbanos e artísticos. À medida que o trabalho das graffiteres ganha reconhecimento outras graffiteres lhes sucedem.

Atingiram-se os objectivos de criar uma rede de contactos, que se pretende que fique mais alargada. Conhecer os meios envolventes das graffiteres e a os seus estilos individuais permitiu uma evolução das técnicas próprias da autora, bem como abertura a nova linguagem e técnicas de expressão.

No entanto, a inexistência de uma identidade e background como graffiter, o desconhecimento de técnicas e materiais que só se obtêm com a prática, errando e repetindo, bem como a inexistência de uma *crew*, apresentaram-se como grandes obstáculos. Ao que se recorreu a uma acção a titulo individual, exceptuando as alturas de em que se juntam duas ou mais pessoas com o único objectivo de pintar mesmo não formando uma *crew* (num sistema de *crew* temporárias).

Como perspectivas de futuro em termos de investigação seria necessário percorrer os pontos já indicados e realizar mais entrevistas numa tentativa e incrementar o reportório de imagens e testemunhos relacionadas com o graffiti feminino em Portugal, por forma a aprofundar o contacto com as graffiters entrevistadas, passar mais tempo a acompanhá-las no seu dia a dia, quando vão pintar e analisar o desenvolvimento da sua produção de imagens ao longo de um determinado período e a sua participação em eventos nacionais e internacionais.

Desenvolvimento de um documentário com os testemunhos recolhidos e se possível um suporte editorial que aglutine esta informação e dê a conhecer uma nova perspectiva dos contributos femininos para o graffiti e *street art* em Portugal, para o publico em geral.

Quanto ao desenvolvimento de graffiti em nome próprio, a perspectiva é de aumentar a família das personagem criadas ampliando dimensões e a área de intervenção. Onde o principal objectivo é explorar técnicas e materiais que por questões de cumprimento de prazos não foi possível explorar.

Para além disso perspectiva-se ainda a criação de uma rede social de graffiteres femininas, que inclua todos os contactos criados e que gere outros e que sirva de ponto de troca de ideias e referência, funcionando também como biblioteca de imagens que as graffiters queiram partilhar entre si. Esta biblioteca deve processar e inventariar as peças por tipologias de imagens valorizando uma memória cultural futura.

Referencias Bibliográficas

ALVELOS, Heitor. “The fabrication of Authenticity - Graffiti Beyond Subculture”, Junho de 2003, Royal College of Art, degree of Doctor of Philosophy

BANKSY, Wall and Piece, London, 2005 , Random House UK, . ISBN: 9781844137862.

CAMPOS, Ricardo. Entre as luzes e as sombras da cidade: visibilidade e invisibilidade no graffiti. *Etnográfica*, Maio 2009, vol.13, no.1, p.145-170. ISSN 0873-6561.

CAMPOS, Ricardo. *Pintando a cidade – uma abordagem antropológica ao graffiti urbano*, 2007, tese de doutoramento, Universidade Aberta, Lisboa.

CAMPOS, Ricardo. Porque pintamos a cidade? – uma abordagem etnográfica do graffiti urbano, Fim de Século Edições, Lisboa, 2010, 1.ª edição, 336 páginas, ISBN: 9789727542710

CASTELLS, Manuel. “O poder da identidade” (v. I) , Fundação Calouste Gulbenkian, 2003. Lisboa

COOPER, Marta ; CHALFANT, Henry , “Subway Art”, Thames & Hudson, Londres, 1984 , ISBN D-500-27320-0

DOUGLAS, Gordon C. C.. “The Art of Spatial Resistance. The Global Urban Network of Street Art”, 15 de Agosto de 2005, London School of Economics, requirements for the MSc in Global Media, part of the dual MA/MSc program in Global Media and Communication at the London School of Economics and the University of Southern California Annenberg School for Communication.

Graffiti all stars – Worldwide Characters, n.º 9 Trimestral – Junho, Julho, Agosto 2010, System Press Edition/ G.A.S, Paris 432 103 489, ISSN 1964-4132

GANZ, Nicholas, *Graffiti Woman - Street Art from Five Continents*, Thames and Hudson, 2006

GANZ, Nicholas, *Graffiti World - Street Art from Five Continents*, Harry N.Abrams Inc, 2004

GOFFMAN, Erving. “A representação do eu na vida quotidiana”, 1985.

HALL, Stuart. “The Question of Cultural Identity.” In: HALL, Stuart; HELD, David; HUBERT, Don; THOMPSON, Kenneth (eds.). *Modernity. An Introduction to Modern Societies*. Cambridge, Massachusetts: Blackwell, 1996. p. 595-634.

KUMAR, Krishan. “Da sociedade Pós - Industrial à Pós- Moderna“.1997

LEWISOHN, Cedar. “*Street art, the graffiti revolution*”. Tate Publishing, 2008, London. ISBN:-13: 978-185-43776-7-8

MACDONALD, Nancy, *The Graffiti Subculture: Youth, Masculinity and Identity in London and New York*. Hampshire, Palgrave Macmillan, 2001,

MOORE, Miguel, “Underdogs 2010”, 1.^a edição, 2010, Lisboa, Underdogs publicações, ISBN: 978-989-95700-1-6

PEEL, The art of the Stickers, Editions Mark Batty

REDER, Seda Maria , “Writing on the Wall: 1977-2007, New York Graffiti Artists, Jenny Holzer and Swoon”, Abril de 2007, Universidade de Cincinnati, dissertação para obtenção do grau de Arte e História da Arte.

SMITH, Keri, *The Guerilla Art Kit*, 2007

RAFAEL, Teresa Clara, “A cidade alienada e a apropriação do espaço urbano. A razão prática do graffiti numa leitura da contemporaneidade”, Porto 2009, Universidade Lusitana, dissertação para obtenção do Grau de Mestre em Arquitectura.

WALDE, Claudia, *Sticker City: Paper Graffiti Art*, 2007

WeAr global (versão inglesa) n.º03. “Artist: Miss Van”. PublishingHouse – Printer Sochor, group GMBH. Austria. 2005. p. 240 ISSN: 1813-7768

MAGRO, M. M. Viviane. “*Meninas do graffiti: educação, adolescência, identidade e gênero nas culturas juvenis contemporâneas*”. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas. 2003

MATHIESON, Eleanor ; TÂPIES , Xavier A., *Street Artists: The Complete Guide*, 2009

Artigos

BABO, M. A. 2001 "AS SCRIBENDI. Do grafo ao graffiti", *Revista de Comunicação e Linguagens*, vol. 30: 225-232

BARCELAR, Jorge. “Notas sobre a mais velha Arte do Mundo“, Universidade da Beira Interior, 2006

CAMPOS, Ricardo Marnoto de Oliveira. "All City": Graffiti Europeu como modo de comunicação e transgressão no espaço urbano. *Rev. Antropol.* [online]. 2009, vol.52, n.1

[citado 2011-06-11], pp. 11-46 . Disponível em:
<http://www.revistasusp.sibi.usp.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-77012009000100001&lng=pt&nrm=iso>. ISSN 0034-7701.

CLIFT, Elayne. “Graffiti—Women Artists Make Their Mark”. WMC-The Women’s Media Center.com. 26 de Julho 2011. Consultado a 20 de Agosto de 2011, disponível em:
<<http://womensmediacenter.com/blog/2011/07/exclusive-graffiti%E2%80%94women-artists-make-their-mark/>>

CLIFT, Elayne. “Women Graffiti Artists: Changing the Landscape Worldwide”. 04 de Julho 2009. Consultado a 08 de Agosto de 2011, disponível em: <<http://www.public-republic.net/women-graffiti-artists-changing-the-landscape-worldwide.php/>>

ECO, Umberto, *Como se Faz uma Tese em Ciências Humanas*, 11^a ed., trad. Ana Falcão Bastos e Luís Leitão, Editorial Presença, Lisboa, 1994, ISBN 972-23-1351-7

ELEMENT, Kevin, «*Hard Hitting Modern Perspective on Hip Hop Graffiti*», artigo disponível em: www.graffiti.org/faq/element.html

MC NICHOLS, J 2006, *Visualizing Dissent: Art as Graffiti*, consultado a 3 Fev 2010, disponível em: <<http://thinkingpictures.blogspot.com/2006/07/visualizing-dissent-art-asgraffiti.html>>

MC NICHOLS, J 2006, *Visualizing Dissent: Graffiti as Art*, consultado a 3 Fev 2010, disponível em: <<http://thinkingpictures.blogspot.com/2006/07/visualizing-dissent-graffitias-art.html>>

RUDESTAM, Kjell & NEWTON, Era, *Surviving your Dissertation - A comprehensive guide to content and process*, 2^a edição, Sage Publications, Inc., Londres, 2001, ISBN: 0-7619-1961-9, 0-7619-1962-7

SANCHES, Andreia / "O graffiti é mais uma cena de homens, é arriscado de mais para as raparigas" *Jornal Público* de 28 de Maio de 07. Consultado a 24 de Junho de 2011, disponível em:
<http://site2.caleidoscopio.online.pt/index.php?option=com_content&task=view&id=476&Itemid=29>

sites

Art Crimes
www.graffiti.org/

Banksy Homepage

<http://www.banksy.co.uk/>

BUGA-UP (Billboard-Utilizing Graffiti Artists Against Unhealthy Promotions)

http://en.wikipedia.org/wiki/Billboard_Utilising_Graffiti_Against_Unhealthy_Promotions

<http://www.bugaup.org/gallery.htm>

Cultura urbana

<http://mundourbano.blogspot.com/>

Ekosystem

<http://www.ekosystem.com/>

Françoise nielly

www.francoise-nielly.com

Fefe Talavera

<http://fefetalavera.blogspot.com/>

Leonor Morais

<http://www.leonormorais.com/index.php>

Mr. Dheo

<http://www.mrdheo.com/>

Street art Portugal

<http://www.streetartportugal.com/>

Street art Internacional

<http://www.streetartinternational.com/>

Streets Are Saying Things

www.streetsaresayingthings.com

Stencilarte

<http://www.stencilarte.blogspot.com/>

Stick 2 target

<http://www.stick2target.com/vsp-porto-day-ii>

WhatYouWrite.com

<http://whatyouwrite.com>

Woostercollective

<http://www.woostercollective.com/>

VSP - Visual Street Performance

<http://www.visualstreetperformance.blogspot.com/>

Filmes

Inside Outside (Graffiti), 2005, de Rosforth. Disponível em :

<http://ilovegraffiti.de/eng/2010/01/18/inside-outside-full-movie-stream/> visualizado a 18.05.11 às 18.20

Style Wars, 1981, realizado por Tony Silver e Henry Chalfant. Disponível em:

<http://www.stylewars.com/index.php?page=video>

Wild Style, 1982, realizado por Charlie Ahearn. Disponível em:

<http://www.wildstylethemovie.com/>

ou <http://artecomentada.blogspot.com/2010/06/wild-style-filme.html>

Bomb It , realizado por Jon Reiss 2007 . Disponível em: <http://www.bombit-themovie.com/>

Apêndices

Questões colocadas a Pedro Guerreiro :

1. Há quanto tempo fazes grafite?
2. Qual o teu principal tema? Como utilizas o stencil?
3. Principais influencias? Artistas que mais te entusiasma, os que são referências para ti?
4. Em que locais desenhas?
5. No caso específico da cidade do Porto, qual o local mais indicado para intervir ? Em que ruas? E porquê esses locais?
7. A que horas é mais indicado para fazer um stencil? E quais os materiais mais indicados para o fazer?
8. Na tua opinião qual a importância do stencil?
9. O stencil feito no Porto destaca-se em algum aspecto do resto do país?

Questões base das Entrevistas :

1. Apresentação:

Nome; idade; zona onde moras; o que fazes no dia a dia: profissão, graus académicos ou cursos; interesses...

2. Como e quando é que te envolves-te com o Graffiti?

Quais as principais dificuldades que tiveste?

3. Com quem o fazes?

Estás integrada numa crew ou pintas sozinha? Nessa crew és a única rapariga ou existem mais?

4. O que é ser graffiter?
-

5. Em que locais já pintas-te e costumavas pintar? Se já pintas-te fora de Portugal por favor indica onde.

Como encontras esses locais? Quais são os melhores, os que te dão mais “pica” ?

Alguns dos spots são em locais de difícil acesso, alguma vez isso te causou obstáculo?

Qual a ligação que tens com o espaço onde actuas? Qual o local que mais gostarias de pintar?

Normalmente a que altura do dia fazes graffiti?

É algo premeditado (vais preparando todo um conceito no black book) ou é algo do momento?

6. Sendo que o graffiti intervêm em espaços hiper masculinos, sentes algum tipo de preconceito ou dificuldade por seres mulher? Qual a tua relação com os rapazes graffifers?

7. Conheces outras raparigas que façam graffiti?

8. Sentes que tens de te empenhar mais em relação a um rapaz para o teu trabalho ser reconhecido?

Achas que existem diferenças entre o graffiti feito por raparigas e o feito por rapazes?
Sentes mais competitividade (se ela existir) quando pintas com rapazes ou com raparigas?

9. (se estiveres integrada em alguma crew) Dentro da Crew como te tratam? Notas que tem determinados cuidados por seres rapariga?

10. Existe algum ponto de convivência com os outros graffifers? Em que locais, festivais ou actividades se costumam reunir?

11. O que mais te marcou até agora no graffiti?

O que sentes quando pintas?

O que te causa mais medo no graffiti?

Já alguma vez tiveste problemas por causa do graffiti?

12. E as pessoas mais chegadas que te rodeiam como encaram o facto de fazeres graffiti, qual a reacção da tua família?

13. Como caracterizas o teu graffiti?

Qual as técnicas que utilizas, temáticas e cores?

Que mensagem queres passar?

O que distingue o que fazes?

14. Quais as tuas principais referências? O que te inspira?

15. Já expusestes o teu trabalho (no teu caso sei que já participas-te em inúmeras exposições) ou produzis-te alguma peça para uma marca, produto ou empresa?

Mails e mensagens:

Olá Telma,

espero que as minhas respostas te ajudem..

Volto a realçar o facto de não me considerar graffiter.. tenho trabalho de rua, mas não me enquadro dentro do género.

Tentei responder com a maior sinceridade e dentro do tema.

Qualquer coisa que precises mais não hesites.

Beijos

Tamara

1. Nome; idade; zona onde moras; o que fazes no dia a dia: profissão, graus académicos ou cursos; interesses...

Tamara Alves

27 anos

Moro em Lisboa

No dia a dia trabalho para uma Associação Juvenil e o resto do tempo ocupo com o meu trabalho na área artística.

Tirei a licenciatura em Artes Plásticas nas Caldas da Rainha e um mestrado em Práticas Artísticas Contemporâneas nas Belas Artes do Porto, onde a Tese final foi sobre Activismo Plástico e Contexto Urbano

2. Como e quando é que te envolves-te com o Graffiti?

Quais as principais dificuldades que tiveste?

Desde nova que o Graffiti sempre me foi muito aliciante, pela rebeldia, pelo desafio, pela estética.. O graffiti é uma arte urbana e existia essencialmente em cidades, como cresci numa aldeia, a primeira dificuldade foi aproximar-me do meio..

3. Com quem o fazes? Estás integrada numa crew ou pintas sozinha? Nessa crew és a única rapariga ou existem mais?

Eu não sou graffiter.. considero-me uma artista urbana ou inspirada no meio urbano, já pintei na rua e vou continuar a pintar, mas não tenho crew.

Tenho amigos que partilham da mesma vontade e dessa forma partilhamos a aventura.

4. Para ti o que é ser graffiter?

Uma questão difícil... posso responder da forma mais simples e directa, é alguém que expõe o seu trabalho artístico nas ruas e não só, associado à técnica do spray e à cultura do hip hop.

5. Em que locais já pintas-te e costumavas pintar? Se já pintas-te fora de Portugal por favor indica onde.

A minha resposta baseia-se maioritariamente nos meus trabalhos de instalação ou intervenção urbana: já realizei trabalho em Lisboa, Alcobça, Porto, Caldas da Rainha e Algarve.

Como encontras esses locais? Quais são os melhores, os que te dão mais "pica" ?

Depende do trabalho que faço, mas a estética que mais gosto é quanto mais velha e degradada melhor...

Alguns dos spots são de difícil acesso, alguma vez isso te causou obstáculo?

sim, mas até agora sempre consegui ultrapassar isso.

Qual a ligação que tens com o espaço onde actuas? Normalmente em que alturas fazes graffiti? Qual o local que mais gostarias de pintar?

Eu voltava atrás no tempo se pudesse e ia riscar paredes com o Banksy ou o Keith Haring..

É algo premeditado (vais preparando todo um conceito no black book) ou é algo do momento?

sempre foi premeditado

6. Sendo que o graffiti intervêm em espaços hiper masculinos, sentes algum tipo de preconceito ou dificuldade por seres mulher? Qual a tua relação com os rapazes graffiters?

Os espaços não são masculinos, acho é que a mulher desde há muito tempo é considerada mais frágil que o homem.. graffiti implica rebeldia, acesso a espaços perigosos e de difícil acesso, muitas vezes fugir da polícia.

Mas acho que nos tempos de hoje as mulheres estão a começar a ganhar mais credibilidade dentro da arte urbana e a ganhar o respeito merecido.

7. Conheces outras raparigas que façam graffiti?

Sim

8. Sentes que tens de te empenhar mais em relação a um rapaz para o teu trabalho ser reconhecido?

Vai de encontro ao que falei anteriormente.

Achas que existem diferenças entre o graffiti feito por raparigas e o feito por rapazes?

sim, é normal que haja.

Sentes mais competitividade (se ela existir) quando pintas com rapazes ou com raparigas?

Pessoalmente não sinto competitividade dentro da arte urbana, sinto companheirismo e cumplicidade..

9. (se estiveres integrada em alguma crew) Dentro da Crew como te tratam? Notas que tem determinados cuidados por seres rapariga?

10. Existe algum ponto de convivência com os outros graffitis? Em que locais, festivais ou actividades se costumam reunir?

Exposições, festivais, eventos, etc..

11. O que mais te marcou até agora no graffiti? O que sentes quando pintas?

O que te causa mais medo no graffiti? Já alguma vez tiveste problemas por causa do graffiti?

Acho que as vertigens são o meu maior hold back.

12. E as pessoas mais chegadas que te rodeiam como encaram o facto de fazeres graffiti, qual a reacção da tua família?

Respeitam e gostam.

13. Como caracterizas o teu graffiti? Qual as técnicas que utilizas, temáticas e cores?

Que mensagem queres passar? O que distingue o que fazes?

Gosto de pensar que há sempre uma mensagem a passar, gosto que o meu trabalho cresça nas ruas e faça parte dele..

gosto de realçar o facto de que somos todos animais e estamos constantemente a esquecermo-nos disso..

As técnicas são variadas, desde colagem, a pintura, spray, a melhor técnica para reflectir a mensagem que quero passar.

14. Quais as tuas principais referências? O que te inspira?

Dentro da arte urbana gosto muito de Swoon.

15. Já expuseste o teu trabalho (no teu caso sei que já participas-te em inúmeras exposições)

ou produziste alguma peça para uma marca, produto, empresa ou particular?

Sim, trabalho maioritariamente na área de ilustração e pintura.

A última exposição intitulava-se Wine Talk & Arts para a Adega Mayor e de momento estou a criar ilustrações para uma marca nova de roupa. Já fiz pintura em paredes de casas de particulares, ilustração para jornais ou revistas, etc... tenho um trabalho muito versátil.

Anexos

Decretos de Lei Relacionados com o Graffiti

A intervenção da PSP exige sempre queixa.

As práticas dos *writers* são sancionáveis perante a legislação portuguesa.

Código Penal

TÍTULO II Dos crimes contra o património

CAPÍTULO II Dos crimes contra a propriedade

Artigo 212.º Dano

Artigo 213.º Dano qualificado

O artigo 212.º do Código Penal Português, relativamente ao crime de dano, diz o seguinte:

1 - Quem destruir, no todo ou em parte, danificar, desfigurar ou tornar não utilizável coisa alheia, é punido com pena de prisão até 3 anos ou com pena de multa.

2 - A tentativa é punível.

3 - O procedimento criminal depende de queixa.

4 - É correspondentemente aplicável o disposto nos artigos 206.º e 207.º. (111)

111 Redacção da Lei n.º 59/2007 de 4 de Setembro.

Ainda relativamente ao crime de dano qualificado, encontramos o artigo 213.º do mesmo diploma, que diz:

1 - Quem destruir, no todo ou em parte, danificar ou tornar não utilizável:

a) Coisa alheia de valor elevado;

b) Monumento público;

c) Coisa destinada ao uso e utilidade públicos;

d) Coisa pertencente ao património cultural e legalmente classificada ou em vias de classificação;

ou e) Coisa alheia afectada ao culto religioso ou à veneração da memória dos mortos e que se encontre em lugar destinado ao culto ou em cemitério; é punido com pena de prisão até 5 anos ou com pena de multa até 600 dias.

2 - Quem destruir, no todo ou em parte, danificar, desfigurar ou tornar não utilizável coisa alheia:

a) De valor consideravelmente elevado;

b) Natural ou produzida pelo homem, oficialmente arrolada ou posta sob protecção oficial da lei;

c) Que possua importante valor científico, artístico ou histórico e se encontre em colecção ou exposição públicas ou acessíveis ao público;

ou d) Que possua significado importante para o desenvolvimento tecnológico ou económico; é punido com pena de prisão de 2 a 8 anos.

3 - É correspondentemente aplicável o disposto nos n.os 3 e 4 do artigo 204.º, nos n.os 2 e 3 do artigo 206.º e na alínea a) do artigo 207.º (113)

113 Redacção da Lei n.º 59/2007 de 4 de Setembro

4 - O n.º 1 do artigo 206.º aplica -se nos casos da alínea a) do n.º 1 e da alínea a) do n.º 2. (114).

114 Redacção da Lei n.º 59/2007 de 4 de Setembro.

Disponível em: <http://pagan.pegada.net/drupal/node/121>

Outras entrevistas

Entrevista realizada por Inês Delicioso a Maria Imaginário:

Em relação à MARIA IMAGINÁRIO, MARIA... Podes contextualizar o que é que a MARIA faz na rua?

A MARIA agora, na rua, não faz grande coisa. Mas já fiz. E comecei a fazer p'á há cinco ou seis anos, em 2005 se não me engano. Ya, 2005. Comecei a pintar na rua. Também porque os meus amigos na altura pintavam todos, mas faziam graffiti. Tipo *bombing* e mais vandalismo. E eu achava que eles era bué da estúpidos e era bué... e chateava-me bué com eles. E achava que, pá, já que eles conseguem, tipo, pintar na rua e fazer estas coisas horríveis e falarem uns p'ós outros.

Para mim o graffiti é um bocado isso, é aquela coisa de picar e... Pintam p'a se chatearem uns aos outros e depois chegar lá e dizer assim "olha, eu fiz aqui e tu não" tipo a cena dos cães... Iam lá marcar território. E achava aquilo tipo buéda primitivo. Aquilo punha-me doente, aquelas... Como eles viviam aquilo, só p'a fazer letras na rua. E eu achava, pá, que eles podiam fazer uma coisa muito mais gira, tipo... E eu decidi tentar ver o que é que eu podia fazer, só p'a chateá-los também um bocado. E então decidi fazer coisas coloridas. E pintar nos edifícios abandonados e assim. Para não fazer em qualquer lado. E então, por coisas coloridas, fui parar aos doces e aos gelados e às sobremesas. Pá, que não é um tema que eu adore, e detesto quando me encham com, dão-me prendas bué... E bolinhos e cenas e eu fico bué "ya, fixe...", cenas da hello kitty, não é nada a minha praia! Eu até gosto muito mais de lasanha e coisas assim, do que gelados e doces. Mas era só porque era um tema bué colorido, tás a ver? Podia ter sido flores, ou uma cena assim ainda mais paneleira. Então decidi começar a fazer aquilo para começar a dar ânimo às ruas e fazer uma coisa colorida e que sobressaísse e que as pessoas, fora do graffiti reparassem. E passassem na coisa e "olha ali uma cena com piada!". E pronto, que era o que não acontecia com os meus amigos. E também porque achava que tudo o que eu via de *street art*, na altura tipo, era ridículo. Eu tinha tado em Barcelona pela primeira vez esse ano e eu via lá cenas gigantes, tipo posters e bonecos. E cá, via um stencil ou outro na rua, mas eram tipo sempre na berma do passeio e no canto mais escondido da rua. E eu pensava assim "fogo! Há pessoal tipo o Banksy, que pinta em Londres e faz cenas gigantes. E lá tens, pá, a polícia é muito, muito mais chata. E tens câmaras de vigilância em todo o lado e tens muito mais aperto. Aqui tipo...". E eu pensei "pá eu posso fazer basicamente aquilo que eu quiser!". E fiz! Fiz bastante aquilo que eu queria. De dia.

Tu achas que a ilustração fez alguma coisa pela tua "actividade" na rua?

Começaste a pintar quando?

Eu comecei a pintar em Setembro e eu entrei prá ar.co em Outubro. Eu já tinha a ideia e o projecto de pintar na rua antes das aulas. Mas acho que depois acabou por definir um pouco mais aquilo que eu queria. Porque eu quando comecei a pintar, eu sabia que queria pintar coisas coloridas e doces e... Mas eu ainda não tinha as coisas tão definidas. Se calhar ao início pintava na linha de comboio e em sítios assim mais óbvios de graffiti, depois com o tempo fui

começando a não querer ir com os meus amigos pintar, porque eles queriam ir pintar p'ás chapas ou... E eu queria pintar mesmo no meio de Lisboa, sobretudo os sítios onde não havia graffiti tipo em Arroios, nos Anjos, no Castelo. E comecei a ter mais cuidado com o que eu fazia. Eu ao princípio tinha mil desenhos diferentes, era sobremesas mas era... E depois comecei tipo a usar sempre as mesmas cores, para eu não ter que assinar o meu nome e para as pessoas identificarem logo.

Fazer sempre o mesmo tipo de gelados. Acho que isso influenciou um bocado. E acho que, inevitavelmente, acho que o que eu fiz foi um bocado ilustrar em Lisboa. Mas acho que foram coisas que se complementaram.

Achas que o que fazias na rua evoluiu por causa da ilustração?

Um pouco, um pouco se calhar na minha maneira de agir. Mas eu acho que também fiquei muito estagnada naquilo que eu fazia. Por isso é que eu ultimamente não tenho pintado. Porque acho que evoluí numa certa forma em termos de plasticidade e tudo o mais nas minhas figuras, na maneira como eu pinto, que não tem na da a ver com a MARIA que começou a pintar. Tipo em 2005, quando entrei p'á ar.co, os meus trabalhos na altura não têm nada a ver com os trabalhos que eu faço agora. E eu evoluí, percebes? Eu sinto que eu fui evoluindo na ilustração, e na pintura, e no desenho, e nas cores e tudo o mais. Mas fiquei-me um bocado, sempre, pela facilidade de fazer os gelados daquela forma. Porque era uma fórmula rápida, percebes? Usava poucas cores, uma linha grossa – chamava à atenção. Para não falar que é muito fácil de pintar aquilo! É rápido! E era uma coisa que eu também tinha que ter. Eu não posso pintar com o pormenor que pinto agora no papel, uma cena daquelas na rua. Tipo, perdia lá mil horas e eu não posso. Porque não podia fazer tanto como eu já fiz. Eu tinha muitos trabalhos espalhados porque demoravam, tipo, 10 minutos a fazer. E era rápido e apesar de ter facilidades a pintar na rua não deixava de ser graffiti. Muitas vezes fiquei sem latas... E... Eh pá! Eu também não sei, porque eu gosto de pintar no meio de Lisboa e no meio da rua e tu não te podes dar ao luxo de fazer coisas assim, se calhar, tão elaboradas. Mas lá 'tá, ainda não sei bem. 'inda não experimentei percebes? 'tou um bocado desmotivada porque agora 'tou a tentar arranjar uma coerência com aquilo que eu quero fazer na rua e com aquilo que eu faço no papel. Que não fui acompanhando.

Mesmo sem te por uma etiqueta em cima, como é que tu defines *street*

***art*? Se achas que *street art* é a nomenclatura correcta...**

Eu não sei bem definir, porque quando eu comecei a pintar não foi com o intuito de fazer nada ligado à *street art*. Nem via as coisas por essa perspectiva simplesmente, muito ingenuamente, queria fazer coisas coloridas em Lisboa, porque os meus amigos eram atrasados mentais e só faziam *bombing* e *silver*! Foi tão simples como isso... E queria usar uma coisa com cores e uma cena colorida p'ás pessoas passarem e verem. E eu penso assim: “pá, eu ia bué gostar de passar aqui e ver uma coisa bué da alegre. E foi nessa base que eu comecei a pintar. Agora, eu já conheci muitos artistas de *street art*, estrangeiros inclusive. Até porque portugueses não há muitos, que eu conheça. Mas... E todos eles começaram um bocado como eu, sem saber bem o que é que era a *street art*, ou uma definição para isso.

Mas queriam fazer uma coisa diferente e queriam usar os desenhos e a arte deles, com spray ou na rua, independentemente de ser graffiti ou não. Eu não sei se enquadro bem na *street art*, porque a *street art* tem essa especificação, um bocado de arte na rua. E são um bocado anti-vandalismo e anti o graffiti. E eu não posso deixar de dizer que tudo o que eu fiz também foi muito influência do graffiti.

Eu fazia, supostamente, *street art*. Mas eu tinha sempre aquela coisa, aquela mentalidade um bocado graffiti de espalhar o máximo que eu conseguisse, e fazer rápido. Eu acho que a diferença é que no graffiti há a *street art* e há o *bombing*. Há aquelas pessoas que querem fazer letras, e as *crews*, e representar, e espalhar. Que é uma coisa, p'ra mim ainda é um bocado primitiva, mas não deixa de ser legítima.

E depois há quem queira espalhar uma coisa mais individual, e mais tua, e mais pessoal. E depois dentro daí podem haver mil definições. Eu às vezes falo com pessoal que é supostamente da *street art*, eu fico assim “eu não tenho nada a ver com estes anormais! Tirem-me deste filme!”. A minha cena é bué da simples: queria fazer coisas bonitas em Lisboa. Pronto. Por isso não sei bem dizer se encaixo ou não, mas no geral, para o povão, acho que eu não entro no graffiti – como é óbvio – entro na categoria da *street art*. Para mim, *street art* é uma versão, acho que é uma corrente do graffiti. Acho que cada pessoa é bué individual e o trabalho também, mas é definitivamente diferente do graffiti. O graffiti não é para embelezar tanto as coisas, e quando fazes *street art* fazes com esse intuito: deixar aquele bocado mais bonito. É uma coisa para as pessoas que passam na rua, e não para as outras pessoas que pintam e passam na rua.

Como é que o graffiti se pode integrar, de um modo aceitável, na publicidade?

Pá, tu sentes-te sempre uma g'anda puta quando fazes isso. É o que nós chamamos trabalho de encher chouriço. Pagam-te bué da bem e tu fazes trabalhos. Mas eu por exemplo, não tem nada a ver com orgulhos nem com nada disso, mas eu nunca fiz nada relacionado com os gelados, ou com esse projecto dos gelados e dos doces, na publicidade. E por acaso, quase sempre só trabalhei através da ilustração.

Chamaram-me sempre através da *street art*, mas eu consegui sempre dar a volta p'a não ter que fazer aquilo. E consegui sempre. Tu tens sempre aquela conotação negativa associada à publicidade. Embora, por exemplo, o pessoal cá da agência é brutal, eu adoro-os. E eles quando fazem campanhas de publicidade fazem com bué amor e carinho p'a fazer uma coisa bonita nos outdoors, e não mais um outdoor. E tu vês que eles não pensam naquela coisa toda do vender e... Pá, mas a verdade é que a *street art* é uma coisa que 'tá cada vez mais em voga, 'tá muito na moda. Eu noto tanto, quando eu comecei a pintar p'ra agora. Tipo em 5 anos... Pá, eu ia à fnac, não havia livros, tipo, não havia quase nada. E agora tu vais à fnac e tens já uma secção disso e é um g'anda boom! É uma cena surreal.

Toda a gente faz... E ainda bem que fazem! Mas 'tá uma cena que 'tá na moda. E como a publicidade tem tendência a agarrar tudo o que é *trendy*, e que pode chamar à atenção, vai atrás dessas coisas, nomeadamente da *street art* e do graffiti.

Qual é a tua opinião em relação à apropriação da *street art* e do graffiti

pela publicidade?

Pá, não gosto. Não gosto, tipo. E se calhar é um bocado primitivo dizer isto, e bué bronco “aaah! Não gosto.”. Pá, não gosto, não, não. Sentes-te um bocado g’anda *sell out*. Pá, [as campanhas] são sempre muito más. De alguém que não percebe nada de graffiti, e que foi buscar uma font qualquer ao Word ou assim. Não, mas ao menos que nos usassem, percebes? E nos respeitassem. Eu já fiz um trabalho p’á Fanta, e que me pagaram... Não me pagaram a mim, porque eu depois não fiz o trabalho, fizeram os meus amigos. Pagaram muita bem, mas eles o que tiveram que fazer foi os bonecos da Fanta. Aqueles bonequinhos... Num outdoor em Alcântara. Ponto. Não usámos criatividade nenhuma. Zero! E depois lá tivemos que, inclusive, imitar os clichés do graffiti que eles tinham. Tipo fazer coisas horríveis. Pá, mas o dinheiro... Não ‘tava lá o nome de ninguém, e pagavam-te bem. Mas tu sabes usar latas e os outros não. Foi mais por aí. E pá, não gosto muito dessa apropriação. Porque tudo o que eu, também, vejo é de gosto duvidoso. Pá, mas eu não sou contra. Há um artista que é o Boris Hoppek, que é o que faz as cenas do Opel Corsa, aqueles bonequinhos. Ele é um *street artist*, e isso p’ra mim ‘tá brutal! E ‘tá muita bem feito! Pá, se a Olá me pedisse para fazer uma campanha de publicidade de gelados e eu pudesse fazer à minha maneira. Pá, eu acho que fazia uma cena muita gira, ‘tás a ver? Pá, é tudo muita chunga. Também se calhar por isso é que eu também não gosto muito.

Maria Imaginário

Gosta mais de pintar doces nas paredes de Lisboa do que de comê-los. Na transição das ruas para um espaço de arte, Maria Imaginário criou um “Lar Doce Lar”, que se pode agora saborear na galeria Worknshop.

Quem é a Maria Imaginário?

Uma jovem ilustradora.

E quem se esconde por trás da Maria Imaginário?

É segredo!

Optaste por pintar bolos e gelados nas paredes de Lisboa. Poderia ter sido outra coisa?

Andei algum tempo à procura de um tema, até que um dia olhei para um pijama e fez-se luz. Era mesmo aquilo. Gelados, bolos, doces, não podia haver tema mais colorido.

Qual é o objectivo?

Dar mais vida às ruas e edifícios abandonados.

Lisboa é uma cidade doce?

Lisboa é linda, adoro Lisboa, tem muitas coisas boas, fico fascinada sempre que descubro um canto novo. Mas ainda está pouco doce, tem muitos edifícios degradados, abandonados, alguns deles lindíssimos, que ganharam o prémio Valmor. É uma vergonha.

Consideras-te gulosa?

Não sou nada gulosa por doces, mas adoro uma boa lasanha ou um bacalhau com natas.

Como pintas os teus doces?

Sempre que posso, de dia. E com o ar mais natural do mundo. De dia as pessoas olham, acham estranho e não fazem nada, ficam meio chocadas, acho eu. Outras estão cheias de pressa e ignoram-me. As que metem

conversa são sempre simpáticas. Acho que ser rapariga ajuda. De noite, o cenário muda completamente, torna-se o oposto.

Como escolhes as paredes que vais adocicar?

Geralmente escolho prédios abandonados, cinzentões. Ando a dedicar-me mais às ruas escondidas, no meio de Lisboa, essas não têm atenção nenhuma.

Já te aconteceu alguma situação menos doce?

Tive uma situação complicada na Bica, os moradores não gostaram de me ver na rua a pintar. De positivo, uma vez duas velhinhas viram-me a pintar e conheciam o meu trabalho na zona, então foram-me agradecer por estar a fazer um gelado na rua delas, com um lanche. Uma vez um senhor foi buscar um banco a casa para me ajudar a pintar. O que me deixou feliz porque consegui a reacção que queria das pessoas que vivem nas ruas que pinto.

Para além das paredes, onde mostras a tua arte?

Nas minhas ilustrações. Sou ilustradora, independentemente do suporte.

O que mostras na exposição “Lar Doce Lar”?

Um mundo que criei à volta de uma personagem, uma doce casa, que pertence a uma senhora muito velhinha, que é completamente obcecada por doces, e isso está reflectido em tudo.

Veja mais em: www.flickr.com/photos/maria_imaginario

© 2007 Time Out Group Ltd. Todos os direitos reservados.

[+Entrevista: Vhils, por Natalia Lucki](#)

(Entrevista publicada na +Soma 20 Out-Nov 2010. Baixe [aqui](#) ou descubra [aqui](#) onde conseguir uma.)

A Manutenção do Efêmero - Uma Entrevista com Vhils

Por Natalia Lucki . Fotos Divulgação

Vhils é o pseudónimo do português Alexandre Farto, rebento mais novo de uma família de peso. Ao lado de nomes como Banksy, JR e Blu, ele faz parte da equipe do agente Steve Lazarides. Aos 23 anos, trocou Portugal pela Inglaterra. Em sua busca pela individualidade, ironicamente escolheu Londres para viver, onde se formou no Central Saint Martins College. Criador de um método único, Vhils trabalha a efemeridade dos materiais, com obras em permanente transformação. Em vez de pintar, usa ácido e água sanitária para remover pequenos pedaços da parede. Em suas escavações da figura humana, imagens de pessoas comuns são reveladas, como se ele desvendasse as camadas que a vida em sociedade acrescenta à nossa personalidade. Um vandalismo poético, quase ideológico.

De onde surgiu seu interesse pelo graffiti?

Meu background artístico foi o graffiti. Eu tinha cerca de 10 anos quando me interessei, e comecei a pintar na rua com 13, primeiro nas paredes e depois em trens, com amigos ou sozinho. Nesses primeiros anos, pintar trens tornou-se a minha principal atividade, primeiro em Portugal, depois por toda a Europa. A partir de determinado ponto, comecei a ter vontade de partir para outras direções. Encontrei no estêncil uma ferramenta que abria inúmeras novas possibilidades. Mais tarde comecei a explorar outras ferramentas e processos que me permitiram atingir pessoas que não eram do graffiti, um meio muito fechado por natureza.

Você cresceu na margem sul de Lisboa, de onde veio a primeira geração do graffiti português e de onde, ainda hoje, saem os grandes nomes da cena local. Por que acha que isso acontece?

É a parte mais marginalizada na Grande Lisboa. Foi criada como cidade dormitório para a classe operária de várias áreas industriais e navais dos anos 50, 60 e 70. É uma região multicultural e muito voltada para a esquerda e extrema-esquerda. Nos últimos anos, muitas indústrias faliram e desapareceram, deixando todos os problemas relacionados. Essa pode ser uma das razões.

O Visual Street Performance de 2005, o principal encontro de graffiti de Portugal, marcou a virada do seu trabalho. Como aconteceu a transição da pintura em trens para as paredes?

O VSP surgiu de um coletivo de artistas do qual eu fui um dos fundadores. Faziam parte desse coletivo Hium, Time, Hibashira, Ram, Mar e eu. Até então só trabalhávamos na rua, mas decidimos transpor tudo para um espaço interior, numa fábrica abandonada no centro de Lisboa.

Como é a cena do graffiti hoje em Portugal?

Começou tarde, no final dos anos 80, mas tem vários trabalhos que acho únicos, pelo background diferente que o país teve em relação ao resto da Europa. Hoje existem vários nomes fortes, como Caus +-, Klit, Viktor, Pedro Matos, Adres, Tosco, Vulto.

Você começou trabalhando com tinta e sticker, mas desenvolveu uma nova técnica com ácido e água sanitária. Como funciona isso?

Basicamente, o processo é sujar uma superfície e depois limpar com ácido. No meu trabalho, existe sempre um elemento fixo - o estêncil que vou aplicar -, mas também há elementos variáveis, como a natureza dos materiais que vão se transformando e ditam o aspecto final do trabalho. Não sou eu quem determina o aspecto final da obra. Nunca tenho, e nem quero ter, o controle total do que estou fazendo - gosto do inesperado e do aleatório. Me interessa trabalhar com o que não consigo controlar, é esse caráter efêmero que me interessa explorar, a inconstância e a impermanência da matéria. Os meus trabalhos estão em permanente transformação - uma transformação intencional. Todo o campo da ação humana tem sido voltado para a ideia de fixar, criar estruturas que permitam contrariar a mudança, manter. E a natureza é precisamente o oposto, um estado permanente de transformação, mutação, mudança. Minha intenção é não só sublinhar essa condição do efêmero, mas também instigá-la, incentivá-la.

Como você escolhe os lugares onde trabalha?

São lugares abandonados ou sujos. Quanto mais degradado, melhor. Mas também já fiz trabalhos em lugares de grande movimento, na área portuária de Lisboa, por exemplo.

Quem são essas pessoas que você leva às paredes?

Na arte convencional, os artistas representam personalidades que têm alguma importância histórica. Na minha arte, qualquer pessoa tem o direito de ser representada. São pessoas que vejo nas ruas de Lisboa e Londres, e fotografo. Pode ser uma senhora que vejo no metrô, ou alguém que passa por mim na rua. Uso também fotos antigas, que compro em feiras de rua, ou recortes de fotografias de jornal.

"No meu trabalho, existe sempre um elemento fixo - o estêncil que vou aplicar -, mas também há elementos variáveis, como a natureza dos materiais, que vão se transformando e ditam o aspecto final do trabalho. Não sou eu quem determina

o aspecto final da obra. Nunca tenho, e nem quero ter, o controle total do que estou fazendo - gosto do inesperado e do aleatório."

A proposta do seu trabalho questiona a relação do indivíduo com a cidade e como ela o descaracteriza no meio da multidão. Como você se mantém fiel às suas origens, morando em uma cidade como Londres?

Às vezes precisamos nos confrontar com o inimigo para sabermos como subvertê-lo. Às vezes precisamos nos deprimir para criar.

Como surgiu o convite para o The Cans Festival (evento organizado por Banksy em 2007, que aconteceu num antigo túnel do Eurostar desativado na Leake Street, em Londres)?

Em 2005, o Tristan Manco foi a Portugal fazer uma palestra, viu meus trabalhos na rua e entrou em contato comigo. Quando cheguei a Londres, ele era uma das poucas pessoas da área que eu conhecia. Pouco tempo depois, fui convidado para participar do picturesonwalls.com, um projeto inglês que reúne o trabalho de vários artistas. A partir do trabalho com o site, fui convidado a participar.

E como foi o contato com o Steve Lazarides?

O Steve entrou em contato comigo depois de uma exposição que fiz em Londres, chamada "Stollen Space". Ele me mandou um e-mail e me ofereceu um lugar na equipe dele.

A parceria que você fez com o JR em Los Angeles rodou os blogs de arte do mundo todo. Como aconteceu esse encontro?

Quando você está em uma galeria, conhece vários artistas, e aqueles que têm visões mais próximas vão se aproximando naturalmente. A nossa maneira de ver o mundo é parecida, nosso trabalho tem uma ligação.

Quem é a mulher da foto?

A foto faz parte do projeto do JR, "Women are Heroes", e foi tirada no morro da Providência, no Rio de Janeiro. A ideia é destacar a pessoa. Cravar o rosto de pessoas na cidade é quase como humanizar o espaço urbano, dar-lhe uma face e, nesse projeto específico, é também uma espécie de empowerment do indivíduo que é representado.

Os ciganos são mal vistos em toda Europa e ainda vivem marginalizados. Você trabalhou com crianças da comunidade de Peso da Régua. Como foi esse trabalho, e como você vê a importância do graffiti para crianças de comunidades menos favorecidas?

O projeto foi feito em 2008, com o Chullage, um rapper cabo-verdiano, e vem de outras parcerias que eu já tinha feito com ele na Arrentela e na Margem Sul. O graffiti acaba sendo uma maneira de as pessoas se comunicarem. É uma forma de expressão e uma ferramenta de comunicação de massa, e ao mesmo tempo te abre as portas para todas as áreas criativas.

"Cravar o rosto de pessoas na cidade é quase como humanizar o espaço urbano, dar-lhe uma face e, nesse projeto específico, é também uma espécie de empowerment do indivíduo que é representado."

Você andou em turnê com o Buraka Som Sistema. Como rolou esse convite?

Já conhecia o grupo há algum tempo, fiz algumas capas para a gravadora deles, a Enchufada. Foi daí que surgiu o convite para produzir os vídeos que passavam nos shows deles.

Em uma entrevista para a agência Lusa você disse que conheceu alguém que supostamente seria Basky. Como você vê o mistério em torno de sua figura?

A maneira como essa notícia foi escrita leva a crer uma coisa que eu não disse. Já trabalhei em alguns projetos em que ele também estava, mas nunca é só uma pessoa, tem sempre uma equipe trabalhando. É possível que ele seja um deles, mas nunca fomos apresentados diretamente. Acho que o mistério é um dos componentes que torna o trabalho dele especial.

O que achou do filme dele?

Gostei muito. O filme prova como a arte pode ser corrupta. Com um pouco de dinheiro e alguns contatos, você consegue tudo.

Quais são os seus futuros projetos?

Demolir edifícios.

Manifesto Geração à Rasca

Nós, desempregados, “quinhentoseuristas” e outros mal remunerados, escravos disfarçados, subcontratados, contratados a prazo, falsos trabalhadores independentes, trabalhadores intermitentes, estagiários, bolseiros, trabalhadores-estudantes, estudantes, mães, pais e filhos de Portugal.

Nós, que até agora compactuámos com esta condição, estamos aqui, hoje, para dar o nosso contributo no sentido de desencadear uma mudança qualitativa do país. Estamos aqui, hoje, porque não podemos continuar a aceitar a situação precária para a qual fomos arrastados. Estamos aqui, hoje, porque nos esforçamos diariamente para merecer um futuro digno, com estabilidade e segurança em todas as áreas da nossa vida.

Protestamos para que todos os responsáveis pela nossa actual situação de incerteza – políticos, empregadores e nós mesmos – actuem em conjunto para uma alteração rápida desta realidade, que se tornou insustentável.

Caso contrário:

a) Defrauda-se o presente, por não termos a oportunidade de concretizar o nosso potencial, bloqueando a melhoria das condições económicas e sociais do país. Desperdiçam-se as aspirações de toda uma geração, que não pode prosperar.

b) Insulta-se o passado, porque as gerações anteriores trabalharam pelo nosso acesso à educação, pela nossa segurança, pelos nossos direitos laborais e pela nossa liberdade. Desperdiçam-se décadas de esforço, investimento e dedicação.

c) Hipoteca-se o futuro, que se vislumbra sem educação de qualidade para todos e sem reformas justas para aqueles que trabalham toda a vida. Desperdiçam-se os recursos e competências que poderiam levar o país ao sucesso económico.

Somos a geração com o maior nível de formação na história do país. Por isso, não nos deixamos abater pelo cansaço, nem pela frustração, nem pela falta de perspectivas. Acreditamos que temos os recursos e as ferramentas para dar um futuro melhor a nós mesmos e a Portugal.

Não protestamos contra as outras gerações. Apenas não estamos, nem queremos estar à espera que os problemas se resolvam. Protestamos por uma solução e queremos ser parte dela.

Porque a mulher portuguesa tem bigode, nasce "B-gode"

Autor : Aida Sofia Lima E-mail : aida.lima@grandeportoonline.com Data : 28-01-2011 - 11:15 Foto : DR

Chama-se “B-Gode” e quer dizer mesmo o que parece. E porque a mulher portuguesa tem fama de ter bigode, e porque duas amigas decidiram brincar com a ideia de se ter bigode, tornando-a “uma tendência atractiva e não repulsiva”, nasce um projecto de joalharia.

São colares, anéis, alfinetes de acrílico criados por Ana Guimarães e Helena Reis, sempre com o bigode presente, ou não fosse o lema “ao usar este b-gode, as pessoas devem ter orgulho no bigode nacional”. E quem não tem bigode a sério, e quer ter vaidade no seu bigode, pode sempre usar o das criativas, como explicou ao GP Ana Guimarães: “Os nossos colares em acrílico podem ser usados como pendentes, ou na cara, para quem quer um bigode. Eu costumo dizer: a minha bisavó usava bigode, a minha avó usava bigode, a minha mãe usava bigode, eu não tenho bigode, mas uso com orgulho”.

Projecto tem público específico

Tudo começou quando a moda do bigode chegou ao design. Ana Guimarães, designer de joalharia, interessou-se pela temática. Juntou-se a Helena Reis, designer de comunicação, associaram a nova tendência à tradição da mulher portuguesa com bigode e saíram para a rua para promover o seu b-gode. A primeira paragem foram as paredes do Porto, grafitadas com a imagem do projecto. O

objectivo? “Captar a atenção dos transeuntes para um bigode colocando-lhes a questão: conhece este bigode?” Depois da “street art”, as criativas não desistiram de chamar à atenção e regressaram novamente à rua, distribuindo bigodes em lona, com elásticos, para que todos pudessem usar o seu bigode.

Com uma colecção de jóias em acrílico e prata na bagagem, “invadiram” bares, criaram uma página no facebook e começaram a ter um feedback positivo, apesar de um projecto destes não ter uma aceitação fácil, como sublinhou Ana Guimarães: “As pessoas acham piada, mas a adesão nem sempre é fácil e é um projecto dirigido a um público específico. Mas é gratificante ver que o nosso trabalho dá alguns frutos e que o b-gode é cada vez mais reconhecido”.

Já com novas temáticas na forja, como uma edição especial para o dia dos namorados em que o b-gode articulado se torna coração, ou uma nova colecção inspirada em gatos, o próximo passo do projecto é a internacionalização, que pode passar, a curto prazo, por Barcelona, e ainda a criação de um site. Conhecer este b-gode pode acontecer hoje à noite, no Plano B, no Porto. A festa do b-gode conta com o colectivo de djs “Super Lucha” e a entrada é um bilhete original. 5 euros dão direito a um kit que contém um pin, gomas, autocolantes e, claro, um bigode.

Glossário

Blackbook: Apresenta-se como o portfólio do writer.

Bombing - Graffitis que se realizam rapidamente, pouco adornados e com letras pouco elaboradas.

Crew - Conjunto de graffitters que usualmente pintam juntos, existindo nos seus trabalhos uma assinatura ou sigla que identifica esse colectivo.

Cross- Pintar algo (traço, tag ou desenho) sobre um trabalho alheio.

Graff - Abreviatura de graffiti.

Graffiti - Componente visual da cultura hip-hop.

Hip-hop - Cultura urbana composta pelo graffiti, musica rap e break dance.

Marketing/design de guerrilha - vem da guerrilha bélica, ou seja, é um tipo de guerra não convencional no qual a principal estratégia é a ocultação e extrema mobilidade dos combatentes, chamados de guerrilheiros. Na atual sociedade saturada de comunicação, grandes empresas começam a utilizar esta técnica para atingirem os corações e mentes do seu público-alvo e trazerem atitude para suas marcas.

Piece - Graffiti a cores, bastante elaborado. Normalmente constituído por fundos trabalhados, letras estilizadas e adornadas com caracteres.

Pop Art: Movimento artístico, dos inícios dos anos 60, que se baseia na reprodução fiel ou deformada, de imagens da sociedade de consumo e de massas, de forma não reinterpretada.

Skills - Conjunto de técnicas dominadas por um Graffiter.

Spot – Local, parede. p.e.:“Conheço um bom spot”

Tag - Assinatura do Graffiter com letras desenhadas com uma só linha de tinta.

Throw-up - Actividade do Graffiter quando este se limita a tagar paredes.

Wild Style - Graffiti caracterizado por uma forte estilização das letras, tornando-o praticamente ilegível.

Writer - Pessoa que pinta o *graffiti*. Nome e estatuto adquirido após experiência e aprendizagem. Escritor de *graffiti*.